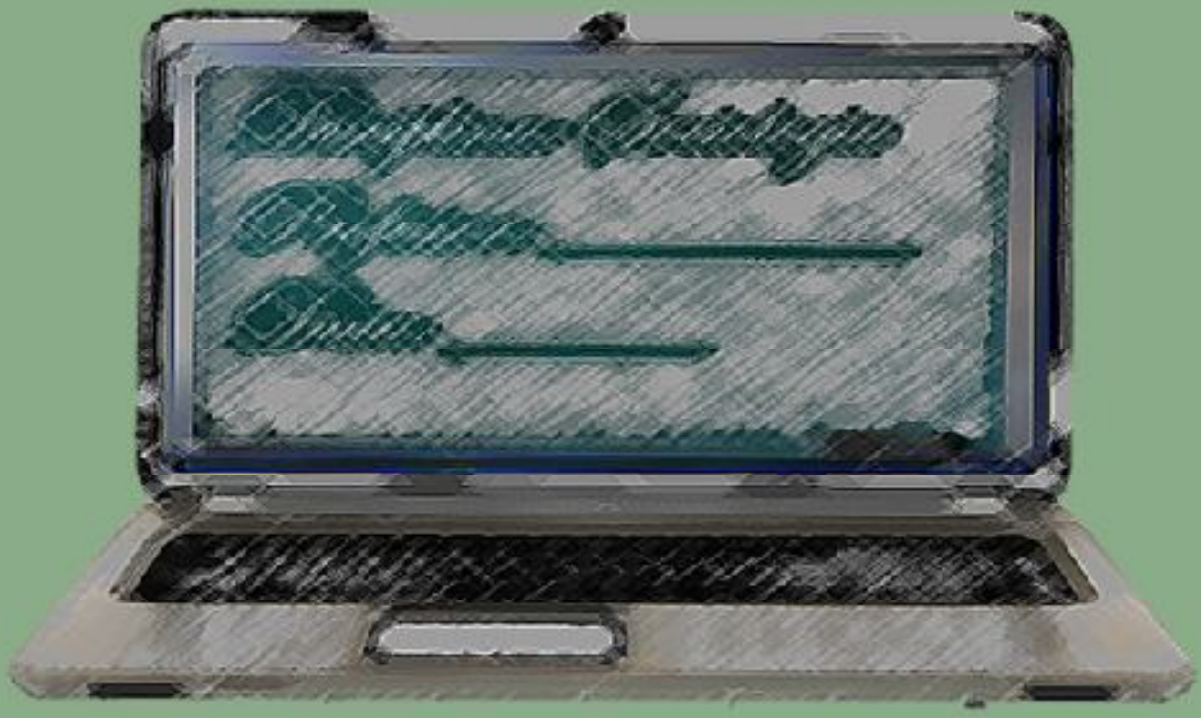
vol.1, nº1. Nov. 2012

REVISTA Café com Sociologia

Revista de Sociologia



Entrevsita ✓

Textos Livres ✓

Sociologia e músicas ✓

Sociologia e Filmes ✓

Artigos ✓

Relato de experiência docente ✓

revistacafecomsociologia.com

Revista Café com Sociologia - Volume 1 Número 1, Novembro de 2012

SUMÁRIO

Breve apresentação 3
O ciberespaço como aliado dos professores - O facebook.com como ferramenta pedagógica.....4
A Sociologia, um bar, o equilibrista, uma beata e a Darleny: tudo a ver! 7
Cristiano das Neves Bodart 7
Roniel Sampaio da Silva.....7
Carlos Keyti da Silva Shimakura.....7
O uso de letras de músicas nas aulas de Sociologia 13
Cristiano das Neves Bodart 13
Preocupações públicas, ações privadas: o consumo político.....27
Jéssica Maria Rosa Lucion 27
O uso de atividade de campo como estratégia pedagógica para aulas de Sociologia em escolas rurais: um relato de experiência docente 40
Roniel Sampaio Silva 40
Closer – perto demais:o amor na pós-modernidade 50
Lane Reis Santos 50
Ética Planetária e Complexidade num olhar sobre o documentário: “Muito Além do Cidadão Kane”.....54
Sydneia de Oliveira Brito 54
Entrevista com Nelson Dácio Tomazi.....62
Realizada por Roniel Sampaio Silva.....62

Breve apresentação

A presente edição da Revista Café com Sociologia busca, além de publicar os tradicionais artigos acadêmicos, proporcionar um espaço para outras produções de alunos e professores de Sociologia, tais como “textos livres”, análises de músicas e de filmes. A revista conta também com um espaço de entrevista. Nesta primeira edição o entrevistado foi o professor e escritor Nelson Tomazi.

Nessa edição contamos com a colaboração de Bianca de Moura Wild, como o texto livre “O ciberespaço como aliado dos professores - O facebook.com como ferramenta pedagógica”. Outro texto livre foi escrito em co-autoria entre Cristiano das Neves Bodart e Roniel Sampaio Silva sob o título “A sociologia, um bar, o equilibrista, uma beata e a Darleny: tudo a ver!”.

Na sessão de artigos, contamos mais uma vez com a colaboração de Cristiano das Neves Bodart, que publica uma reflexão em torno do uso de letras de músicas em sala de aula, cujo título é “O uso de Letras de Música nas aulas de Sociologia”. Jessica Maria Rosa Lucion apresenta uma discussão sobre o consumo político sob o tema “Preocupações Públicas, ações privadas: o consumo político”.

O relato de experiência docente é de Roniel Sampaio Silva. Nele o autor aponta uma experiência multidisciplinar extra-classe. O relato está sob o título “O uso de atividade de campo como estratégia pedagógica para aulas de sociologia em escolas rurais: um relato de experiência docente”.

A revista conta ainda com duas análises, uma de do filmes “Closer: perto demais” e outra do documentário “Muito além do cidadão Kane”. A primeira análise realizada por Lane Reis Santos e a segunda por Sydneia de Oliveira Brito.

Por fim, a revista Café com Sociologia realiza uma entrevista imperdível com o professor Tomazi.

Comissão Editorial

O ciberespaço como aliado dos professores - O facebook.com como ferramenta pedagógica

Bianca de Moura Wild[1]

Nas sociedades pós-industriais ocupam lugar central a informação e o conhecimento. Surgem, na esfera da produção e das instituições, novas formas de trabalho, em meio a elas o trabalho intelectual, interativo, e de comunicação. As mudanças abrangem principalmente as escolas e o trabalho dos pedagogos(as) e professores(as), provocando reformulações no seu papel.A internet nos últimos tempos tem conectado milhões de indivíduos por todo mundo. Essas novas formas de se comunicar e informar, se relacionar e de interagir, apresentam um "mundo novo", original, nunca imaginado por muitas pessoas. A velocidade da informação, as transformações ocasionadas pelo "surgimento" do que se convencionou chamar "ciberespaço[2]", as diversas possibilidades, recursos, que emergem nesse contexto, onde há um espaço de comunicação que descarta a necessidade do "físico" - nos expõe ao "outro" de uma forma nunca antes vista, um novo contorno do que conhecemos como "interação", uma "renovada" alteridade. Tratar dos dilemas dessas novas realidades, identificando as novas exigências educacionais e, sobretudo, buscando pensar teorias sobre a escola e os professores dentro de um projeto evolucional de educação é de suma importância neste contexto.

Segundo o Ibope Net Ratings, bem como o site G1.globo.com, nós, brasileiros(as), ultrapassamos a marca de 80 milhões de usuários ativos de internet no primeiro trimestre de 2012, sendo o Brasil o 5º país mais conectado do mundo.Levando-se em consideração que a população brasileira no ano de 2011 segundo dados do IBGE era de 196.655.014 brasileiros e brasileiras, ultrapassar a marca de 80 milhões de usuários ativos é extremamente significativo, pois trata-se de

[1] Graduada em Ciências Sociais pela Fundação Educacional Unificada Campograndense e Especialista em Gênero e sexualidade UERJ/IMS.

[2]Aqui Ciberespaço é entendido a partir da concepção de Pierre Levy "dispositivo de comunicação interativo e comunitário, apresenta-se justamente como um dos instrumentos privilegiados da inteligência coletiva.(1999)

quase 42% da população total do país, isto levando-se em consideração a questão da desigualdade social. E, em se tratando de internet, é espantoso pensarmos como os sites de relacionamento assumiram um lugar de importância na vida de seus usuários, mesmo que não tenham um computador em suas casas. Sem possuir acesso à web, muitos indivíduos utilizam esses sites, através *Lanhouses*, escolas, faculdades, internet comunitária etc.

Segundo Libâneo (2005) em “Adeus professor, adeus professora?” “formar cidadãos participantes” “implica articular os objetivos convencionais da escola(...)às exigências postas pela sociedade comunicacional, informática e globalizada” e entre estas exigências ele cita a “interação crítica com as mídias e multimídias” e o “conhecimento e uso da informática”. Qualquer um, em qualquer lugar do mundo pode criar uma “conta”, um “profile” em um dos diversos sites de relacionamentos e/ou redes sociais como o facebook.com, sônico.com, ning.com, myspace.com, secondlife, Orkut.com dentre outros (as), e se comunicar com milhares de outros indivíduos sem nunca os encontrar fora do ciberespaço, no chamado “mundo físico”, “real”. Usar a seu favor essas novas formas de comunicação e tecnologias é quase que primordial para o professor(a) do século XXI. Alguns desses sites oferecem ferramentas para compartilhamento de arquivos de textos, imagens etc., além disso, também são muito profícuos no compartilhamento de avisos e informações, muitos alunos e alunas de várias escolas públicas ou privadas estão criando “grupos”e “páginas” no caso do facebook.com e comunidades no Orkut.com de suas turmas, escolas etc., essas comunidades/grupos/páginas, podem ser terrenos férteis para os professores (as) contribuindo de forma significativa no aprimoramento do seu trabalho.

O (a) professor(a) tem papel proeminente e, para tanto, dentre as habilidades que deve possuir, o domínio da linguagem informacional e o conhecimento dos meios de comunicação e das multimídias é primordial. Para que haja compatibilidade entre a “variedade” de informações por meio da “rede” do “ciberespaço” e a chamada educação formal será necessário adequar o (a) professor (a) à nova conjuntura educacional, mas isso demanda diretrizes básicas: em primeiro lugar deve desejar se adequar, avançar, estar inserido no mundo moderno e tecnológico. O (a) professor (a) do novo milênio precisa antes de qualquer coisa entender que os métodos antigos, são afinal “antigos” e

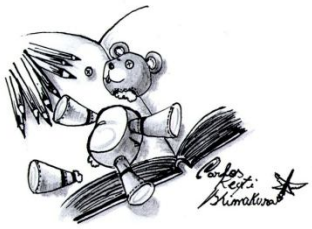
podemos até dizer anacrônicos,o surgimento do ciberespaço transformou o mundo numa vizinhança onde ao menor “click” no “mouse” você pode ir a qualquer lugar do planeta, onde tudo está acontecendo. De acordo com Levy (Pierre Levy, 2000, p.47) “é virtual toda instituição “desterritorializada”, capaz de provocar diferentes manifestações em diferentes momentos e locais determinados, sem, no entanto estar presa a um lugar ou tempo particular”. Sendo assim para o autor o virtual é uma fonte indefinida de atualizações e o digital é o meio das metamorfoses, o(a) professor(a) precisa se valer dessa característica do ciberespaço, do virtual para fazer com que a sala de aula ultrapasse os muros da instituição educacional, tornando seu trabalho contínuo e contribuindo efetivamente na construção do saber de seus alunos e alunas, despindo-se dos preconceitos relacionados as redes sociais . Devemos, então, tentar fazer da escola um lugar para o livre desenvolvimento do pensamento, do raciocínio, da criatividade, de modo que professores (as) e alunos(as) produzam e troquem conjuntamente novos conhecimentos e nesse sentido a utilização de ferramentas como o facebook.com é de extrema valia. Os (as) alunos (as) não são mais aqueles sujeitos passivos, que só recebem e gravam os conteúdos que lhe são passados. E o professor também não é aquele que fala pelos alunos.

A relação entre professor e aluno tende a melhorar quando há diálogo, o (a) professor(a), por sua vez, não pode deixar de ter um compromisso profissional, ele precisa assumir que tem uma tarefa importante na sociedade e ter em mente que ensinamos através dos exemplos. Não podemos mudar o mundo, mas somos elemento fundamental no desenvolvimento da sociedade. Há que se investir numa prática coletiva e solidária, pois só assim o trabalho do (a) professor (a) terá sentido.

A escola e principalmente os(as) professores(as) têm papel determinante para a inclusão de seus alunos e alunas, quer seja a digital, quer a social. Dessa forma, torna-se indispensável o preparo do (a)professor (a) para trabalhar com seus alunos e alunas, para que a tecnologia venha a ser um instrumento eficaz na aprendizagem e para despertar no (a)aluno (a) a necessidade de buscar o conhecimento por si mesmo (a), de fazer descobertas, de serem críticos e transformadores da sua condição e da sociedade.

A Sociologia, um bar, o equilibrista, uma beata e a Darleny: tudo a ver!

Cristiano das Neves Bodart[3]
Roniel Sampaio da Silva[4]
Carlos Keyti da Silva Shimakura[5]



Diferentemente da Astronomia e de outras ciências, temas sociológicos são assuntos de bar. Sabia?Os temas discutidos são quase sempre sociológicos, mas a forma de discuti-los quase sempre não o são. Como assim? Você deve estar se perguntado! É isso mesmo. Podemos falar de assuntos de Sociologia sem pensar sociologicamente, assim como podemos falar de problemas sociais e não sociológicos. Os problemas ou os temas sociais discutidos no bar só passam a ser sociológicos quando apresentam, em sua análise, um rigor científico próprio da Sociologia.

É comum todos acharem que sabem explicar um determinado fenômeno social, como, a prostituição, o desemprego, a moda, a pobreza, entre outros assuntos. Cada pessoa tenta explicar à seu modo. Algumas explicações são até bem lógicas, outras sem o menor sentido. Algumas buscam explicações na religião, no acaso ou no fenômeno em si.

É comum ouvir a expressão “olhe, a questão é a seguinte...”. Certamente, quem usa esta frase quer ganhar o direito de estar certo. Quem, também, não ouviu a famosa frase vinda dos mais velhos: “desde que me entendo por gente é assim...” Ou ainda: “na minha época era assim...”. Estas frases são usadas para impor uma suposta explicação verdadeira ou, no caso da última, apresentar uma explicação na defensiva, buscando deixar claro que é assim, e que se não for é por que mudou de uns tempos pra cá. A verdade é que a vida é como o futebol, todos se acham técnicos, capazes de explicar as regras do jogo. O certo é que os fenômenos que acontecem em nossa volta

[3]Doutorando em Sociologia pela Universidade de São Paulo/USP. E-mail: cristianobodart@hotmail.com
[4]Professor de Sociologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia. E-mail: ronielsampaio@gmail.com .
[5]Autor das ilustrações do texto. E-mail: ckss.inazuma@hotmail.com .

nos instigam a buscar compreendê-los.

Mas o que tem a Sociologia com isso? A Sociologia se alimenta do cotidiano e ao mesmo tempo procura iluminá-lo. Em outras palavras, é do cotidiano que o Sociólogo “pega” o fenômeno que irá estudar. Assim acaba tratando da mesma coisa que o cidadão comum. O que muda é a forma de explicar as coisas. Isso nos lembra um episódio que nos ocorreu, no ano de 2004, em um bar na cidade de Guaribas, localizada no interior do Piauí.

A noite estava quente e resolvemos, depois de um congresso, ir a um bar. Não sabíamos que uma cidade tão pequena nos proporcionaria tanta reflexão, e olha que não foi nas palestras. Quando chegamos no local, havia uma roda de pessoas discutindo e apontando para uma mulher que estava sentada em uma mesa ao lado. Devido a curiosidade, perguntamos qual era o assunto.

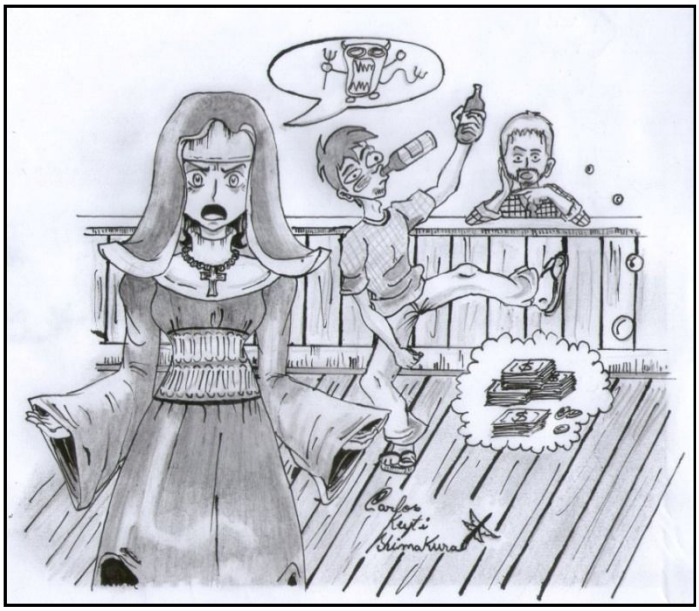
Um bêbado, conhecido como Equilibrista (entendi na hora o porquê do apelido), nos disse: Nois tamu suntano a Darleny.

- Quem é Darleny? Perguntamos.
- É que o Antoin disse que ela é quenga porque quer. Disse Equilibrista.
- É pura safadeza dela! Gritou Antônio, por detrás do balcão do bar.

Nessa hora, Equilibrista subiu na cadeira, ou melhor, tentou se equilibrar nela, e antes de se espatifar no chão gritou:

- Ela é quenga por semvergonhonhice. Ela gosta é da bufunfa. Num quer trabaiar!

Ele gritou tão alto que uma beata, que passava na frente do bar, ouvindo aquilo gritou em resposta, sem olhar para o ambiente: é coisa do demo! Ela tá encapetada!



De repente um silêncio. Parecia que a discussão havia acabado. Após alguns segundos alguém gritou: pergunte prus cabras da cidade o porquê Darleny é quenga. Percebemos que estavam falando de nós. Ficamos sem reação. Como nada dissemos, Equilibrista sugeriu para que alguém perguntasse a própria Darleny. Foto que não acorreu. Todos, exceto nós que nada dissemos, concordaram, acreditando que só a Darleny saberia responder essa questão.

Nós então dissemos que éramos sociólogos e que poderíamos ajudar. Logo veio duas “pergunta afirmativas”, enfáticas e bombásticas: e daí? Estamos falando da Darleny e vocês vêm com essa religião? Equilibrista, depois de entornar mais uma dose de pinga, disse: se nois caricesse de tirar o capeta dos côro da cutruvia, nós chamava a beata que passou indagorinha por aqui. Nois tudim é católico!

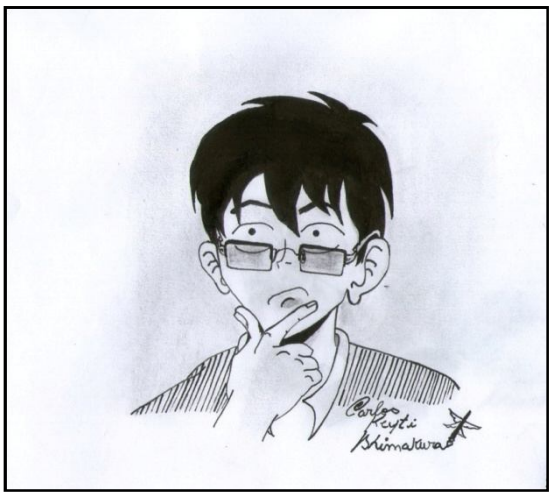
- Eu sou discrenti – gritou mais uma vez Antônio por de traz do balcão.
- Te discunjuro Antoin. Diabeisso? Tá duvidano de Deus?Perguntou equilibrista.

Fomos explicar o que era ser Sociólogo. Todos se interessaram pela explicação, prestando atenção no que estávamos a falar, até que afirmamos que havíamos estudado justamente para explicar a situação da Darleny. Nesse momento gritaram para a Darleny: Eita cunhã que tu tá famosa na capital!É a primeira vez que vejo

universidade estudar quenga!

Tentamos dizer a eles que existiam várias “Darlenys” no Brasil, quando alguém nos interrompeu dizendo: Darleny Danadinha de Guaribas (assim ela era chamada na região) só tem uma!

Tentamos então explicar que existiam mais coisas para além da Darleny - Danadinha de Guaribas. Buscamos argumentar que existem fatores que influenciam as escolhas e o comportamento das pessoas. Foi aí que Equilibrista falou algo que nos fez entender que a forma de enxergar o mundo não é só questão de aprendizagem,mas também como “você está no mundo e ele em você”. Ele nos interrompeu e disse: seus cabras sociólugus, entendo o que tão dizeno. Entonce é o como o caso da cachaça que mexe comigo, num é? Nessa hora ficamos decepcionados com o resultado de nossa explicação. Quando ele prosseguiu: no caso eu sou como a Darleny; o baré a porcaria da sociedade, cheia de tipus de bibidas; a beata amoralidadi e; a cana é aquilo que bebemos dessa sociedadi, que leva nois a fazer coisas por querer e sem querer, pra além de nossa vontadi. Acho que é isso que estão querendo dizer... Essa reflexão nos animava, até que ele continuou...mas ainda acho que é por dinheiro, né não Antoin? – Claro que não homi, é por servengonheza! Respondeu ele. Desistimos de explicar e voltamos para a pousada onde estávamos alojados.



Essa experiência nos serviu para refletir sobre o pensamento sociológico, o pensamento religioso, o senso comum e nossa posição no mundo.

A beata apresentou uma explicação baseada na religião, não possuindo nenhuma racionalidade, antes apoiando-se em suas crenças, o que chamamos de mito. Mito são todas as explicações baseadas em deus ou deuses. Já Antônio e o Equilibrista se apropriam do senso comum para explicar o caso de forma isolado do mundo, como simples escolha autônoma de Darleny. Suas interpretações estavam influenciadas pelas suas posições no mundo, assim como pela influencia deste em sua vidas.

Gostaríamos que eles entendessem a colaboração da Sociologia para compreender a questão da prostituição, sendo ela parte de uma estrutura, um conjunto de fenômenos interligados que de certa forma levou a Darleny àquela profissão. Assim, o caso desta mulher não era um caso isolado, como se tivesse em uma redoma de vidro. Antes, trata-se de um fenômeno fruto de nossa história, da pobreza, da falta de escolaridade, da corrupção e tantos outros fenômenos interligados direta ou indiretamente.O mais provável é que Darleny era prostituta devido sua história, a qual se entrelaça com a história do país, especialmente do interior do nordeste. Órfã desde os 6 anos de idade, criada pela tia como empregada, não teve condições de estudar, foi obrigada pela tia a casar muito cedo, tendo três filhos e logo ficando viúva. Darleny residia em uma das cidades mais pobres do Brasil,com pouco mais de 4 mil habitantes.Guaribas era marcada pelo trabalho de subsistência no campo e pelo preço elevado dos bens de consumo (devido ao difícil acesso à cidade). Parece que para ela, que não tinha terra para plantar o sustento de sua família, não havia muitas escolhas e nem condições de ter uma visão do mundo diferente. Parece que não lhe restou nada além de ter que deitar-se com estranhos para garantir o seu sustento e de seus três filhos.

Buscado ser críticos, no sentido de duvidarmos de tudo o que nos veem aos olhos e ouvidos, estaremos nos aproximando do pensamento sociológico. Se assim fizessem o balconista, o Equilibrista e a beata, talvez entenderiam que não era bem uma escolha, ou por “sem-vergonhice”, ou ainda por que o “diabo” a teria tomada. Antes, compreenderiam que o contexto social a qual Darleny viveu a influenciou fortemente para essa escolha. Claro que o raciocínio não para por aí. São necessários métodos científicos para compreender como o fenômeno da prostituição atua e se situa na estrutura social, bem como buscar identificar regras gerais capazes de explicá-lo. Alguns temas oriundos de conversas corriqueiras de bar, embora não tenham rigor científico, pode ser dotado de uma certa lógica racional, o que é o primeiro passo em direção ao conhecimento sociológico.

Embora o senso comum e a Sociologia pareçam distantes, não são. Naquele bar de Guaribas, poderia ocorrer uma discussão de caráter sociológico, desde que se atentasse para o método típico desta ciência. Poderíamos encerar esse texto dizendo:

Veja como a Sociologia é útil! Mas optamos em terminar afirmando que o bar, o Equilibrista, a beata e a Darleny era um cenário de pura Sociologia, apenas eles não sabiam. E você, sabe? Talvez veio a seguinte frase à cabeça: “Eu nunca tinha pensado desta forma”. Se isso ocorreu, fomos mais aptos do que naquele dia... naquele bar de Guaribas.

O uso de letras de músicas nas aulas de Sociologia

Cristiano das Neves Bodart[6]

Resumo

O presente artigo objetiva apontar as dificuldades docente no uso da música brasileira em aulas de Sociologia, assim como discutir de quais formas é possível utilizar-se das letras das canções sem distanciar-se de uma análise sociológica. O artigo se fundamenta na revisão de literatura e na prática docente do autor. Apontamos que tais dificuldades, relacionados à análise nociva a docência da disciplina de sociologia, estariam ligadas a formação do professor, a recente inclusão da disciplina na grade curricular e as dificuldades de definição das fronteiras da Sociologia com a História, com a Geografia e com o senso comum.

Palavras- chave: Sociologia; Música; Análise; Sala de aula; Perversidades.

1. INTRODUÇÃO

O uso de músicas em aulas de Sociologia, especialmente no Ensino Médio, parece tornar-se algo corriqueiro. A variedade de abordagens do cotidiano existentes nas músicas brasileiras colabora para que muitos conteúdos dessa ciência sejam trabalhados com os alunos, a fim de, aproximá-lo desse saber, especialmente na produção de uma "imaginação sociológica". Por outro lado, a aparente facilidade de utilização de letras de músicas nas aulas de Sociologia pode induzir o professor e educandos a distanciar-se de uma análise sociológica.

A música brasileira é rica em tratar de questões do dia-dia, questões próximas aos alunos, o que seduz o professor a utilizá-las em sua prática docente. Questões

[6]Doutorando em Sociologia pela Universidade de São Paulo/USP. E-mail: cristianobodart@hotmail.com

como problemas sociais, costumes, regras sociais, estratificação social, relações sociais, contato social, discriminação, entre outros, são exemplos de temáticas amplamente abordadas nas músicas brasileiras. A variedade de temas e de focos sobre eles possibilita o educador incluir com certa facilidade as músicas em seus planos de aula. O perigo se encontra em ocorrer uma inversão do objetivo de seu uso: ao invés de o professor aproximar os alunos da análise sociológica, acabar distanciando-os, conduzindo-os ruma a uma a análise de senso comum, ou ainda sob perspectivas de outras ciências, tais como a História, a Geografia e a Filosofia, não que a Sociologia não possa dialogar com tais saberes, mas deve diferenciar-se por meio de seu método. É mais importante ensinar a pensar sociologicamente do que aprender o conteúdo abordado. Se assim ocorrer o educando estará dotado de condições para posteriores analises na realidade social sem necessitar ser tutelado pelo professor, inclusive rever a temática abordada em sala. Para isso, é necessário distinguir a Sociologia e seu procedimento analítico dos métodos das outras ciências.

> A sociologia, aliás, como outros ramos das ciências sociais, possui sua própria perspectiva cognitiva que estabelece questões a lançar acerca das ações humanas, assim como seus próprios princípios de interpretação. Desse ponto de vista, podemos dizer que a sociologia se distingue por observar as ações humanas como elementos de figurações mais amplas; ou seja, de uma montagem não aleatória de atores reunidos em rede de dependência mutua" (BAUMAN; MAY, 2010, p. 16).

Para a Sociologia importa pensar as consequências que os fenômenos tem para as pessoas e de que forma estão relacionadas a rede de interdependência que forma a sociedade, assim como buscando reflexões dessa natureza "como nossas biografias individuais se entrelaçam com a história que compartilhamos com outros seres humanos?" (BAUMAN; MAY, 2010, p. 20).

O presente artigo não está centrado nos estudos da Música, como aqueles desenvolvidos por Alfred Schutz ou Theodoro W. Adorno, nem em sua análise como elemento de socialização e recreação. Esta abordagem procura problematizar o uso de letras de músicas como recurso didático do professor de Sociologia. Este *paper*

debruça-se sobre os perigos do uso da análise de letras de músicas para as aulas de Sociologia. Os perigos estão associadas aos resultados negativos não esperados ou desejados de seu uso no processo ensino-aprendizagem. Não temos como pretensão ou objetivo apresentar uma metodologia didática do uso de letras de músicas, mas, de certa forma, denunciar erros comuns ocorridos nas salas de aula.

2. A ANÁLISE DE LETRAS DE MÚSICAS NAS AULAS DE SOCIOLOGIA: POTENCIALIDADES E CONSTRANGIMENTOS

A recomendação de uso de letras de músicas em sala de aula é sempre presente em orientações curriculares. Uma equipe de professores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro/UERJ produziu uma manual de reorientação curricular para a disciplina de Sociologia. O documento intitulado “Sociologia em Ato: Manual de Atividade em Sociologia para o Ensino Médio” apresenta-se tendo “como horizonte prioritário ‘transformar’ o aluno em um observador atento, curioso e ‘desconfiado’ dos fenômenos cotidianos em sua aparência imediata” (ALBUQUERQUE; *Et al*.s/d, p. 13). Dentre as os apontamentos de material didático, o manual orienta o uso de músicas para análise e discussão em sala de aula. O problema é que tal documento parte do pressuposto de que os professores de Sociologia possuem total domínio do método de análise sociológico, o que nem sempre é verdade, ainda mais que grande parte dos professores de Sociologia do Ensino Médio não são formados em Ciências Sociais. Em 2009, apenas 12% possuíam formação específica na área (HANDFAS, 2009).

Outra limitação em relação à prática de análise de letras de músicas em aulas de Sociologia está relacionada ao estado de maturidade da disciplina. Para Moraes, Guimarães e Tomazi (2006), a Sociologia,

> É uma disciplina bastante recente – menos de um século, reduzida sua presença efetiva (no ensino médio brasileiro) à metade desse tempo; não se tem ainda formada uma comunidade de professores de Sociologia no ensino médio, quer no âmbito estadual, regional ou nacional, de modo que o diálogo entre eles tenha produzido consensos a respeito de conteúdos, metodologias, recursos, etc., o que está bastante avançado nas outras disciplinas. Essas questões já poderiam estar superadas se houvesse continuidade nos debates, o que teria acontecido se a disciplina nas escolas não fosse intermitente (MORAES; GUIMARÃES; TOMAZI, 2006, p.103-104).

Nota-se que a disciplina ainda não se encontra consolidada, assim como ainda não existe uma comunidade coesa de professores atuantes no ensino médio. Essas duas realidades que impactam diretamente na habilidade do uso das letras de músicas em sala de aula.

A inclusão da disciplina de Sociologia só ocorreu oficialmente após 37 anos de exclusão do currículo do Ensino Médio. Durante todo esse tempo praticamente não tivemos significativo volume de formaturas de professores de Sociologia, situação provocada pela falta de espaço de atuação dos docentes dessa área.

Em 8 de maio de 2008, o Senado aprovou o projeto de lei alterando a redação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96-LDB) no artigo 36, criando o inciso IV: "serão incluídas a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias em todas as séries do ensino médio" (BRASIL, 2008). Antes dessa data, havia apenas uma recomendação da CNE(Parecer CNE/CEB 15/1998). sugerindo a inclusão da disciplina no currículo de Ensino Médio[7], o que dificilmente ocorria no país.

Tornada obrigatória no Ensino Médio, muitos professores de outras áreas passaram a lecionar Sociologia, o que somado à falta de uma tradição na formação de professores de Sociologia tornou seu ensino um tanto precário, marcada por vícios de interpretação da realidade social sob a perspectiva da Geografia Humana e da História, assim como as dificuldades de delimitação de suas fronteiras, o que ocorre também em relação ao senso comum.

Tal vício de interpretação- sob a perspectiva da Geografia Humana e da História-, por muitas vezes se repete nas análises de músicas utilizadas em sala de aula. Embora não objetivamos discutir o conceito de música, acreditamos que uma conceituação mínima nos ajudará a compreender a temática em questão. Desta forma buscamos a definição de Penna (2008), que entende tal conceito como:

[7](item 5.2) "Nesta área (Ciências Humanas) incluir-se-ão também os estudos de Filosofia e Sociologia necessários ao exercício da cidadania, para cumprimento do que manda a letra da lei. (grifos da autora) No entanto, é indispensável lembrar que o espírito da LDB é muito mais generoso com a constituição da cidadania e não a confina a nenhuma disciplina específica, como poderia dar a entender uma interpretação literal da recomendação do inciso III do Parágrafo primeiro do artigo 36. Neste sentido, todos os conteúdos curriculares desta área, embora não exclusivamente dela, deverão contribuir para a constituição da identidade dos alunos e para o desenvolvimento de um protagonismo social solidário, responsável e pautado na igualdade política."

> A arte de modo geral – e a música aí compreendida – é uma atividade essencialmente humana, através da qual o homem constrói significações na sua relação com o mundo. O fazer arte é uma atividade intencional, uma atividade criativa, uma construção – construção de formas significativas. (PENNA. 2008 p.18).

Nota-se um ponto essencialmente importante do conceito de arte (inclui-se aqui a música) usado por Penna: sendo uma construção de significações na relação com o mundo. É justamente essa dimensão que possibilita seu bom uso no processo ensino-aprendizagem de sociologia.

Porém torna-se necessário "[...] estabelecer uma fronteira entre conhecimento sociológico formal e senso comum é questão tão importante para a identidade da sociologia" (BAUMAN; MAY, 2010, p. 20). O senso comum tende a perceber tudo como fruto de ações intencionais, como se a pessoa fosse descolada no seu mundo social (vivesse sem nenhum tipo de influência do meio) e, portanto, capaz de definir sua situação nesse mundo, o que chamamos de "particularidade de visões de mundo". A Sociologia reconhece, ao contrário, que somos parte de uma estrutura estruturante. "Pensar sociologicamente é dar sentido à condição humana por meio de uma análise das numerosas teias de interdependência humana" (BAUMAN; MAY, 2010, p. 24).

Pereira (2007) chama a atenção para a importância da "imaginação sociológica", termo inventado por Wright Mills (1969). Para Mills, a Sociologia serviria para elucidar a relação entre biografia e história, entre ação e estrutura. Desta forma, ao analisar a letra de uma música torna-se necessário considerar as relações entre indivíduo, história e sociedade, buscando compreender a estrutura social que envolve o fenômeno descrito na letra da canção.

Para tanto, cabe a análise da letra da música romper com as percepções mais imediatas. Bourdieu (1988) apontou que a principal finalidade da Sociologia seria suprir o estado de inocência que faz com que tomemos um dado socialmente construído como natural e eterno. As músicas devem ser analisadas de forma a buscar compreender as questões que a envolve, tendo-as como uma construção da vida social, sendo históricas e relacionadas às condições materiais.

O elemento "contexto histórico" da produção e repercussão da música deve ser

esclarecido, a fim de fornecer elementos compreensivos do mesmo. Certamente que a compreensão da letra da música tende a sofrer fortes influências de nosso "lugar no mundo", nosso "ponto de vista". Como já dizia Max Weber,

> Não existe qualquer análise científica puramente objetiva da vida cultural (...) que seja independente de determinadas perspectivas espaciais e parciais, graças às quais estas manifestações possam ser, explícita ou implicitamente, consciente ou inconscientemente, selecionadas ou organizadas na exposição, enquanto objeto de pesquisa. (WEBER, 1979, p.87)

Embora exista essa possibilidade de "contaminação" do analista, o professor deve buscar conduzir os alunos a um olhar distanciado do objeto, buscando familiariza-se com o exótico e estranhar o familiar. Como disse Gilberto Velho, "o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas, até certo ponto, conhecido" (VELHO, 1978, p. 39). Isso dependerá da capacidade de análise sociológica do educador e dos educandos.

As músicas produzidas no passado podem ser usadas basicamente com duas finalidades diferentes: i) para compreender a realidade social temporalmente e espacialmente situado na época da composição; ii) promover a percepção, ao longo de um tempo, das mudanças e permanências sociais, sejam elas estruturais ou não.

Músicas atuais podem ter igualmente duas finalidades: i) compreensão da realidade social a qual está inserido o educando; ii) promover comparações de padrões sociais entre dois ou mais grupos ou sociedades.

Ao realizar análises de músicas produzidas no passado, torna-se necessário tomar cuidado de não se ater a um estudo limitado à perspectiva da história. Identificar os fatos históricos contidos na letra da música não é realizar uma análise sociológica. Torna-se necessário compreender as estruturas sociais envolvidas, assim como os padrões de comportamento socialmente construídos e mantidos. Para Bourdieu (1979, p. 17), a música é uma das formas como mais inequivocamente se expressam as pertenças sociais de classe. Ao compor uma música, o autor está falando de algum lugar; tal frase lembra Foucault. Desta forma, compreender onde estava situado o autor, de onde discursa, é fundamental para a compreensão das estruturas sociais da época.

Utilizo a música “A vida é um moinho”, de Cartola (1979), como breve exemplificação:

> Ainda é cedo amor
> Mal começaste a conhecer a vida
> Já anuncias a hora de partida
> Sem saber mesmo o rumo que iras tomar
> Preste atenção querida
> Embora eu saiba que estás resolvida
> Em cada esquina cai um pouco tua vida
> Em pouco tempo não serás mais o que és
> Ouça-me bem amor
> Preste atenção o mundo é um moinho
> Vai triturar teus sonhos, tão mesquinho.
> Vai reduzir as ilusões à pó
> Preste atenção querida
> Em cada amor tu herdarás só o cinismo
> Quando notares estás à beira do abismo
> Abismo que cavastes com teus pés

A análise da música em aulas de Sociologia deve ir além da análise da vida pessoal do autor, como aquelas que se faz afirmando que “seria talvez a música uma expressão ligada a sua enteada que saiu de casa com um homem mais velho, ou que teria saído de casa para se prostituir”. Essa observação reduzidas a fatos individuais não corrobora para uma compreensão sociológica. Resta ao professor de Sociologia buscar, com auxílio da História, mas não limitando-se a ela, conduzir os alunos a compreenderem as estruturas sociais que moldam pensamentos como o do compositor: uma sociedade tradicional, marcada pelo medo da “vida no mundo (extra-casa/família)”, tendo a mulher como sexo frágil, cuja moralidade estaria fundada na castidade, onde o sexo não pode ser visto como atividade de prazer em si, assim como a ideia de que as mulheres devem ter apenas um parceiro sexual: o seu marido. Existem ainda outros elementos que podem ajudar a reconstrução dos fenômenos sociais da época em que foi composta a música (1976), tais como a crescente prostituição e exclusão social provocado pelo crescimento urbano acelerado vivenciado no Brasil, o que ampliava o medo do “mundo”; e o desejo pela prosperidade econômica de influência capitalista americana (“sonhos mesquinhos”). Em fim, a análise de letras de músicas produzidas no passado deve centrar na busca da compressão da sociedade da época, seja como compreende-la em si mesma ou com o objetivo de realizar comparações com a

sociedade atual, ambos os casos muito frutíferos para o educando iniciante em Sociologia.

Quando a análise de letra de músicas atuais, podem ser realizada com base em dois objetivos: i) compreender a sociedade a qual está inserido o educando; ii) comparar sociedades ou grupos contemporâneos.

Enquanto que a análise de letras de músicas escritas no passado há o risco de conduzir a aula a uma análise histórica e não sociológica, a análise de letras de músicas atuais pode levar a aula de Sociologia a se transformar em uma aula de Geografia Humana, por exemplo, ou em uma discussão de senso comum.

O perigo de se realizar uma análise geográfica em aula de Sociologia está relacionada diretamente a recente inclusão da sociologia no currículo e a formação de professores de Sociologia enviesadas para a Geografia Humana. Nesse caso, o problema está em limitar as análises a interação do indivíduo na vida econômica, a descrições de elementos do mercado, e apontar o homem, de forma individualizada, como produtor do espaço geográfico (nessa perspectiva ignora-se as estruturas sociais estruturalizantes da sociedade). Como breve exemplificação podemos utilizar a música “Lixo no lixo”, do grupo Falamansa.

Se no dia em que o mar enlouquecer
O dia em que o sol se esconder
O dia em que a chuva não conter
O choro que caí, pra te dizer
Que acabou o mundo e não sobrou mais nada
Sujou a sua terra
Poluiu a água
E não há uma chance de sobreviver
Se no dia em que o solo empobrecer
O céu deixar de azul ser
O dia em que a lua vir nascer
Tarde demais pra te dizer
Que ainda resta um sonho, uma esperança
Atrás de um sorriso de qualquer criança
Só há uma chance de sobreviver
E você
Salvou o mundo?
Ou se acabou com ele
O teu chão era imundo
Você soube cuidar dele?
Jogando lixo no lixo, no lixo, no lixo
Jogando lixo no lixo, no lixo, no lixo

Em uma perspectiva limitada a uma análise geográfica, o professor daria ênfase da degradação do meio ambiente, na atuação do homem sobre a produção/destruição do espaço a qual vive. Uma análise sociológica, por outro lado, poderia analisar a música centrando-se nos conflitos socioambientais (fragmento da música: “e não há uma chance de sobreviver”), em como se alteram as formas de pensamento da sociedade em relação ao meio ambiente (“o dia em que...”), assim como as mudanças de comportamento em relação as questões ambientais (“E você, já salvou o mundo?”), buscando apontar que as relações entre sociedade e meio ambiente são socialmente construídas e não uma questão exclusivamente de postura individual. Nessa direção, pode-se discutir com os alunos de que forma a sociedade consumista, onde tudo é facilmente descartável, está associada a prática de depredação do meio ambiente.

O perigo da aula de Sociologia se transformar em uma discussão de senso comum é sem dúvida a situação mais ameaçadora. Isso ocorre porque o senso comum fornece a Sociologia a matéria-prima para a investigação (BAUMAN; MAY, 2010, p. 19) e muitas vezes a discussão não supera as opiniões fundamentadas nas experiências diárias percebidas sob o senso comum. É comum e aceitável que os alunos utilizem seu senso comum para participar ativamente da aula, porém cabe ao professor conduzir a discussão para uma reflexão sociológica. Existe uma diferença importante na metodologia de análise do senso comum e da Sociologia. Para Bauman e May (2010, p. 20), a Sociologia diferencia-se do senso comum por se subordinar às regras rigorosas de um discurso responsável baseados em vidências verificáveis. Em outras palavras, a Sociologia, ao contrário do senso comum, é uma ciência que pensa o mundo social em complexa conexão.

Nesse sentido, pensar sociologicamente significa entender de um modo mais completo quem nos cerca, tanto em suas esperanças e desejos quanto em suas inquietações e preocupações. Buscar levar os alunos a pensarem de que forma suas vidas individuais estão associadas a vida coletiva é bem frutífero na análise sociológica de letras de músicas.

Utilizo a música “Dar-te-ei”, de Marcelo Jeneci, como uma breve exemplificação.

> Não te darei flores não te
> darei elas murcham, elas morrem

> Não te darei presentes não te darei pois envelhecem e se desbotam
> Não te darei bombons não te darei eles acabam, eles derretem
> Não te darei festas não te darei elas terminam, elas choram, elas se vão
>
> Dar-te-ei finalmente os beijos meus
> Deixarei que esses lábios sejam meus, sejam teus.
> Esses embalam...esses secam...mas esses ficam.
>
> Não te darei bichinhos não te darei,pois eles querem, eles comem
> Não te darei papeis não te darei, esses rasgam, esses borram
> Não te darei discos não,elesrepetem,eles arranham
> Não te darei casacos não te darei, nem essas coisas que te resgardam e que se vão
>
> Dar-te-ei a mim mesmo agora
> E serei mais que alguém que vai correndo pro fim
> Esse morre...envelhece...acaba e chora...ama e quer...desespera esse vai... mas esse volta

Atentando para a letra da música sob uma perspectiva do senso comum, ou seja, da ideologia dominante capitalista, seríamos levados a interpretar o personagem apenas como um tipo “pão-duro”, que utilizando-se de elementos sentimentais estaria justificando a sua indisposição em ofertar a amada presentes materiais demonstradores e comprovadores de seus sentimentos. Assim, concluiríamos que trata-se de um “malandro” que não quer, ou não pode, ofertar tais presentes e que o mesmo estaria recorrendo a um discurso romântico não pautado em ações supostamente concretas para justificar sua indisposição ou incapacidade.

Nos afastando da perspectiva mais imediatista, torna-se possível compreender a música de outra forma. Desta, o personagem, representando um grupo social (já que a postura não é exclusiva dele e nem produzida por ele para ele), estaria desejando ofertar à amada elementos mais duradouros, que, segundo ele, seriam elementos que “ficam”. Sob esta perspectiva poderíamos estar sendo acusados de ideólogo romancista. Mas não se trata de romancismo, mas de um olhar focado na representação simbólica. O valor do presente deixa de estar pautado no objeto em sim, mas na intenção e na sua representação simbólica. Sob esta ótica o presente enquanto materialidade pouco importaria, antes importando o significado que ele carrega. No caso do personagem da música sua preocupação estaria em ofertar algo duradouro, para ele mais significativo... permanente.

Temos, assim, duas formas de compreendermos a letra da música. Ambas tendo

como centralidade o símbolo “presente”; porém, uma forma marcada pela representação material, no valor monetário, em “coisas perecíveis” característico da sociedade capitalista, mais próximo de uma interpretação imediatista, e outra que, indo para além do valor material/monetário, centra-se no presente enquanto símbolo dotado de significado social, tendo seu significado de certa forma desvinculado do elemento material, buscando fazer alusão ao seu sentimento supostamente permanente.

Outra possibilidade de estudo sociológico estaria centrado na análise crítica do discurso[8]. No caso da música “Dar-te-ei”, seria possível pensar de que forma o compositor estaria buscando desconstruir o discurso capitalista e reconstruir um outro discurso?É possível aprofundar a discussão entorno do papel do discurso na construção das ideologias.

Essa possibilidade de análise sociológica da música deve levar em consideração o campo social a qual a sua produção está inserida. Sob a perspectiva do conceito de “campo social”, torna-se necessário o professor entender as relações de poder existente no campo das artes, compreendendo que, segundo Bourdieu (2004, p.27) “os campos são os lugares de relação de forças que implicam tendências imanentes e probabilidades objetivas”. Para esse autor, “um campo não se orienta totalmente ao acaso”. Dito isto, a música deve ser analisada como um instrumento de construção ou manutenção de ideologia, e por isso, de disputa de poder dentro do campo artístico e que muitas quase sempre tem por objetivo atuar sobre outros campos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de letras de músicas nas aulas de Sociologia tem sido apontado, em manuais, como uma excelente ferramenta didática, porém seu uso pode apresentar perigos que carecem de atenção por parte dos professores de Sociologia. As dificuldades de uso de músicas nas aulas de Sociologia estão associados a “imaturidade” da disciplina no currículo, ao fato de maior parte dos educadores não serem formados em Ciências Sociais e o viés da História e da Geografia existente nas

[8]Sobre a análise crítica do discurso ver DIJK, Teun A. Van. Discurso e Poder. São Paulo: Contexto, 2010.

aulas de Sociologia, além da dificuldade do professor conduzir os educandos a superar o senso comum em direção a uma reflexão sociológica.

As discussões realizadas nesse *paper* buscaram apontar os perigos na utilização de letras de músicas nas aulas de Sociologia, sendo possível destacar aqueles mais eminentes e,ainda, apresentar algumas formas de esquivar-se deles. Ao escolher uma música, cabe ao professor de Sociologia refletir previamente sobre ela a partir de uma perspectiva sociológica, buscando evitar se ater apenas ao contexto histórico factual da produção da música, deve buscar elementos que aponte para as estruturas sociais da época, os fenômenos e ações sociais, bem como identificar de que maneira questões individuais estão interligados as questões coletivas. Quanto ao perigo de uma análise de viés geográfico, é mais comum ocorrer quando a temática envolve questões ambientais ou econômicas. Nesse caso, igualmente, o educador deve ater-se a uma discussão sociológica a fim de não "repetir" a aula dada pelo professor de Geografia. É mais importante que o aluno aprenda a pensar sociologicamente do que compreender a temática abordada em aula.

Quanto ao perigo de a aula torna-se uma discussão limitada ao senso comum, torna-se importante o papel de orientador/indutor do professor, já que os educandos tendem a iniciar a discussão a partir daquilo que eles ouvem fora do ambiente escolar. O professor deve utilizar-se da matéria-prima (as questões cotidianas) proporcionada pelos alunos, mas lembrando que embora o objeto de discussão seja a realidade comum dos alunos, as discussões devem ater-se ao método sociológico de análise, cabendoao professor ensinar os alunos a imaginação sociológica, a compreender o mundo como uma teia de interdependência humana.

4. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Benigna M. da Rosa. *Et al*. **Sociologia em Ato: Manual de Atividade em Sociologia para o Ensino Médio: reorientação curricular -** Sociologia. Disponível em:http://www.conexaoprofessor.rj.gov.br/downloads/sociologia1.pdf . Acessado em 01 de nov. 2012.

BAUMAN, Zigmunt. MAY, Tim. **Aprendendo a pensar sociologicamente**. Trad. Alexandre Wernek. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BOURDIEU, Pierre et al. **Lições da Aula.** São Paulo, Editora Ática S.A., 1988.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da Ciência: por uma sociologia clinica do campo científico.** Trad. Denice Barbara Catani. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

_____**La distinction: Critique sociale du jugement**. Paris: Les Editions de Minuit, 1979.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei no 9.394/1996. Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/l9394.htm . Acesso em01nov. 2009.

HANDFAS, Anita. A formação do professor de sociologia. In. **A sociologia vai à escola: história, ensino e docência.** Rio de Janeiro, Quartet, 2009.

MORAES, Amaury Cesar; GUIMARÃES, Elizabeth da Fonseca; TOMAZI, Nelson Dácio. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Ciências Humanas e suas Tecnologias**. **Conhecimentos de Sociologia.** Secretaria de Educação Básica. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2006.

ORLANDI, Eni (1999). **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, Pontes.

PENNA, Maura (org.). **Música(s) e seu ensino.** Porto Alegre: Sulina, 2008. 230 p.

PEREIRA, Luiza Helena. **Qualificando futuros professores de sociologia.** In: Mediações**,** Londrina, V.12, n.1, p.143-158, Jan/Jun. 2007. Disponível em:http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/3393/2763.
Acessado em 01 de nov. de 2010.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In NUNES, Edson de Oliveira. **A aventura**

sociológica:Objetividade, paixão, improviso e métodos na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. [p. 36-46]

WEBER, Max. A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais. In: COHN, Gabriel (org.). **Sociologia:Max Weber**. São Paulo: Ática, 1979.

Preocupações públicas, ações privadas: o consumo político

Jéssica Maria Rosa Lucion[9]

RESUMO: Estudos recentes vêm revertendo a imagem de individualismo referida ao consumo e mostrando que este é uma prática ampla que abrange esferas que vão além da prática econômica, abarcando outros fatores e funções, como por exemplo, a sua capacidade de ser agente político. Neste sentido, o objetivo deste artigo é buscar um entendimento sobre o consumo político, expor algumas de suas manifestações e refletir sobre sua capacidade de transformação social.

Palavras-chave: Consumo político. Ação política. Empoderamento.

1. Introdução:

O consumo foi, por muito tempo, um objeto negligenciado dentro das ciências sociais, pois, por tradição, estas dedicaram sua atenção à produção de mercadorias e não à sua comercialização e troca. O consumo era definido como o uso de elementos materiais para a reprodução física e social, estando muitas vezes associado às práticas individualistas e materiais ligadas a necessidades supérfluas. "A maioria dos acadêmicos que escreveram sobre consumo, e mais especialmente aqueles que o teorizaram, parecem supor que ele é sinônimo do moderno consumo de massa" (MILLER, 2007,p.34) e nesta lógica visto como algo ruim, excluindo-se suas potencialidades como, por exemplo, erradicação da pobreza ou possibilidade de luta política. Porém, "elementos materiais" e "reprodução física e social" são termos-chave que, sozinhos, não explicam este fenômeno. Ou seja, o consumo é uma prática mais

9 Acadêmica do curso de Bacharelado em Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Endereço: Rua Engracio Ventura, 182. Bairro Presidente João Goulart, CEP: 97090-200. Santa Maria – RS. Telefone: (55) 96014355. E-mail: jessicalucion@hotmail.com

ampla que abrange esferas além da prática econômica, abarcando outros fatores e funções, “é eminentemente social, relacional e ativo, em vez de privado, atômico ou passivo” (APPADURAI, 2008, p. 48).

Neste sentido, o consumo constrói laços sociais, identidades, produz e reproduz valores e transmite o sentimento de pertencimento ou diferenciação social. Esta visão encara o fenômeno como uma ação coletiva, a partir da qual é possível objetivar valores. Assim, seria um “processo de interiorização da exterioridade e de exteriorização da interioridade” (BOURDIEU, 2003, p.47), através da prática do consumo os indivíduos seria capaz de interiorizar os elementos sociais e ao mesmo tempo levar para a estrutura social sua individualidade, pois, como propôs Appadurai, o que será consumido, a demanda, é influenciado por fatores sociais, políticos e econômicos. Ao mesmo tempo, porém, o indivíduo pode, através do consumo, “manipular, dentro de certos limites, estas forças econômicas e sociais” (APPADURAI, 2008, p. 49), desta forma, uma estrutura estruturante e estruturada, aquela que, como definiu Bourdieu, faz o indivíduo e é feita por ele.

Esta definição do consumo, dando enfoque maior aos elementos culturais e subjetivos e menor aos elementos econômicos e objetivos, está de acordo com Appadurai, quando assinala a busca por “uma nova perspectiva sobre a circulação de mercadorias na vida social” (2008, p.15), e de acordo com o presente artigo, pois busca-se a compreensão do chamado consumo político, tema e objeto de pesquisas atuais. O objetivo que aqui se apresenta é buscar um entendimento sobre este fenômeno, expor algumas de suas manifestações e refletir sobre sua capacidade de transformação social.

2. Uma compreensão para além da econômica:

A sociedade, antes organizada no trabalho, agora estrutura-se pelo lazer e consumo (PORTILHO, 2005). A partir disso, observa-se nas pesquisas recentes um deslocamento da análise da esfera da produção para a esfera do consumo. Neste momento o consumo torna-se um objeto para as ciências sociais, tornando-se “a principal fonte de identidade cultural e de participação na vida coletiva” (PORTILHO, 2005, p.2).

Tornado alvo de estudos, o consumo passou a ser visto com desconfiança e encarado como algo ruim, transparecendo que “as origens dos estudos modernos do consumo estejam dentro de uma moldura essencialmente moral de antimaterialismo” (MILLER, 2007, p.36). Neste sentido, o ato de consumir seria anti-social e ligado ao conceito de “sociedade de consumo”[10] (BAUDRILLARD, 2007), pois levaria ao fim do social, destruindo o sentimento coletivo. A sociedade do consumo teria transformado os cidadãos em meros consumidores e estes agora se orientariam apenas para seus interesses particulares. Sendo todas as esferas da vida mercantilizadas passam a ser cidadãos apenas aqueles que podem participar do mercado, ou seja, vender ou consumir. Esta visão é compartilhada pela economia neoclássica que entende o consumo como expressão máxima da racionalidade, pois, com base no individualismo, os indivíduos agem em busca do seu lucro, calculando a relação custo/benefício (ABRAMOVAY, 2004).

Portanto, para as correntes apresentadas acima, o consumo estaria relacionado à ideia de supérfluo e fonte causadora de muitos problemas (individualismo, despolitização, problemas ambientais, etc.), como expôs Miller (2007, p.34), uma forma de “destruir a própria cultura material”.

> A destruição é primeiramente identificada com a postura própria do consumo, com o consumidor visto como gastando recursos escassos ou insubstituíveis, e a produção nessa instância é vista como auxiliar secundário ao consumo (MILLER, 2007, p.35).

Segundo Miller (2007), as críticas desta linha de pensadores seriam “básicas” e uma forma de autonegação, “ignorando o grau em que esses mesmos escritores aparentam favorecer nas suas vidas privadas o que eles refutam em sua escrita” (MILLER, 2007, p.38).

Existe, porém, outras formas de ver o consumo. A visão culturalista enxerga nesse a capacidade de usos sociais, um “conjunto de processos socioculturais em que se realizam a apropriação e os usos dos produtos” (CANCLINI, 1996, p.31), sendo uma

10 Esta se refere ao indivíduo transformado em mero consumidor em consequência da automatização do capitalismo enquanto modo de produção, que reduz o social à “massa”. O ato do consumo é visto como superficial e incapaz de produzir laços ou significados sociais.

forma de (re) produzir cultura, afinal o consumo é sociocultural, porque envolve significados que são compartilhados por um grupo específico que tem um modo de vida significativo (SLATER, 2002), "é através das formas de consumo culturalmente específicas que produzimos e reproduzimos culturas, relações sociais e, na verdade, a sociedade" (SLATER, 2002, p.131).

Neste sentido, o consumo vai além da satisfação de necessidades materiais, sendo também um ato simbólico capaz de construir, por exemplo, laços sociais e identidades, pertencimento e diferenciação social:

> O consumo é fator central para criação dos significados simbólicos da sociedade, dos grupos e dos indivíduos, criando e sustentando as identidades, além de localizar socialmente os indivíduos, relacionando seu self a suas identidades (CHIDID & SOUZA LEÃO, 2011, p.68).

Além disso, "o consumidor está sempre empenhado com a realização de um bem coletivo. As formas de consumo que prefere são aquelas que mantém o tipo de coletividade que ele gosta de viver" (DOUGLAS, 1996, p.124). Assim, a corrente que aqui se apresenta entende a capacidade do consumo de produzir coletividades.

> Categorias tradicionalmente atribuídas ao consumo e à sociedade de consumo, como individualismo, insaciabilidade, superficialidade, anomia e alienação, têm sido contrapostas à observação empírica de processos que associam as práticas de consumo a valores como solidariedade, responsabilidade, participação social e cidadania (PORTILHO & CASTAÑEDA, 2009,p.3)

A visão culturalista do consumo encontra-se com a noção da nova sociologia econômica que entende os comportamentos econômicos enquanto ações que agem de acordo com elementos subjetivos, estes provenientes do ambiente social dos indivíduos (RAUD, 2005). "Essa abordagem nos permite compreender o consumo como uma dimensão estrutural e estruturante de qualquer sociedade humana" (PORTILHO & CASTAÑEDA, 2009, p.3). Da mesma forma que estrutura a sociedade, construindo laços e identidades, estrutura-se a partir dela, pois "o comportamento do consumidor é contínua e penetrantemente inspirado pela hostilidade cultural" (DOUGLAS, 1996, p.94). Como propôs Kopytoff (2008, p.108) a "mercantilização publicamente reconhecida opera lado a lado com inúmeros esquemas de valoração e singularização

propostos por indivíduos" que irão, num movimento contínuo, influenciar a esfera do consumo e influenciar-se dela, "alimentos consumidos, roupa usada, filmes, livros, música, férias e tudo o mais são escolhas que se ajustam a escolha inicial de uma forma de sociedade" (DOUGLAS, 1996, p.94). Neste sentido, as "mercadorias" são passíveis de reconfigurações, "o seu status é inevitavelmente ambíguo e sujeito ao jogo de vai e vem dos fatos e dos desejos, na medida em que vai sendo seguido pelo fluxo da vida social" (KOPYTOFF, 2008, p.113).

Analisar a troca é essencial para os estudos do consumo, pois é neste ato que se criam os laços sociais, "o objeto econômico não tem um valor absoluto como resultado da demanda que suscita, mas é a demanda que, como base de uma troca real ou imaginária, confere valor ao objeto" (APPADURAI, 2008, p.16). Portanto, é na troca que um objeto adquire valor ou significado. Seguindo esta linha de raciocínio, pode-se concluir que o consumo é capaz de construir identidades e laços sociais porque, a partir da troca, os indivíduos lhe conferem significados. O sentido, ou valor, de um produto está no seu uso e trajetória (APPADURAI, 2008).

Compreende-se, portanto, que a corrente culturalista desloca a interpretação do consumo como uma ação puramente econômica para uma ação "cultural". Esta análise não é recente, Mauss e Mallinowski, em 1925 e 1922, respectivamente, já haviam identificado a capacidade da troca de produtos produzirem sociabilidade e reciprocidade entre tribos vizinhas. Entendendo as capacidades do consumo de construir subjetividades e, porque não, originar atos políticos, este artigo busca "pensar a sociedade de consumo como espaço possível de realização de algum tipo de atividade política, onde os consumidores se tornariam agentes mediadores de valores e interesses objetivados através de suas práticas consumistas" (REDONTAR & BRITO, 2011, p.3).

3. Esbarrando nas esferas do público e privado:

Recentemente, a descrença nas instituições públicas tradicionais trouxe a emergência de novas formas de participação política e "o descrédito do Estado como administrador de áreas básicas e a não credibilidade dos partidos diminuíram o interesse pelo que é público" (PORTILHO, 2005, p.8). A "sociedade civil passou a

expressar-se através do mercado, deixando para traz os meios democráticos incorporados pelas estruturas públicas" (SANTANA, 2007, p.3). Desta forma, se antes, na modernidade, um ato político significava deixar a esfera privada para dedicar-se à pública, atualmente o processo se inverte e ações políticas passam a significar ações de cunho público, ou coletivo, na esfera privada. "Trata-se de um aprendizado de convivência e negociação entre esses cidadãos emergentes – que se recusam a permanecer nos lugares que lhes foram destinados – e a sociedade civil de modo geral" (PORTILHO, 2005, p.7).

É neste sentido que Douglas (1996, p.119) questiona-se quanto à capacidade dos indivíduos de serem agentes ativos frente à sociedade. Em relação ao consumo, ela pergunta se "não deveríamos ter alguma responsabilidade como consumidores? [...] Não podemos tomar medidas para corrigir nossos hábitos de compra?". Invocando então, a possibilidade de uma mobilização social através do consumo, questiona-se sobre a possibilidade dos indivíduos protestarem sem que parem de consumir ou sem terem que produzir seus próprios bens, por exemplo.

Assim, aponta-se a possibilidade de atividade política a partir do consumo, ato que significa tomar decisões políticas todos os dias (MILLER, 2007), colocando o consumidor numa posição de ator social. O consumo político seria, então, a "percepção e o uso das práticas e escolhas de consumo como uma forma de participação na esfera pública" (PORTILHO & CASTAÑEDA, 2009, p.4). O ato de comprar produtos pensando nas consequências que terão para a coletividade, uma forma de pressão política e de materialização de valores e preocupações sociais (MILLER, 2007).

A prática do consumo não seria, então, uma redução da cidadania, mas uma relocação desta, da esfera pública para a privada, permitindo que o consumo político possa "ser compreendido como um novo ativismo, fundamental para a renovação da ação e do escopo da política" (PORTILHO & CASTAÑEDA, 2009, p.15). Sendo assim, pode-se pensá-lo enquanto o que Beck (1999) definiu como subpolítica: "espaço no qual agentes não inseridos no sistema político formal poderiam interferir na política de forma direta e, em especial, em questões 'reflexivas'" (DE SÁ, 2009, p.246). Assim permite-se pensar esta prática enquanto uma possibilidade de entrelaçar consumo e cidadania, desembocando em diferentes formas de participação, empoderamento e

autonomia, capaz de transferir possibilidades de ação a consumidores que, aparentemente, parecem manipulados ou alienados. Desta forma, apreende-se que os consumidores “entendem muito bem o que está ocorrendo e que até têm tradições explícitas - "transcrições ocultas" - de crítica e de resistência” (ORTNER, 2007, pp. 25 - 26).

O consumo político faz surgir também uma nova concepção de mercado, pensando este como um lugar onde se desenvolvem relações socioculturais e não apenas enquanto espaço para troca de mercadorias.

4. Manifestações do novo (velho) fenômeno:

A expansão dos meios de comunicação tem propiciado o aparecimento de associações de consumidores que se unem em cooperativas, sistemas de rotulagens, movimentos de boicote e etc. (PORTILHO, 2005).

> Uma das respostas políticas para a percepção da exploração nas relações de consumo pode ser a tentativa de evitar a exploração aumentando a proporção de consumo realizado fora do mercado convencional ou implementando ações de protestos e boicotes (PORTILHO, 2005: 8).

Mesmo que, atualmente, estas manifestações sejam frequentes, elas não representam uma novidade. Mobilizações de consumidores oriundos da classe trabalhadora foram frequentes no século XIX. Houve nesta época, por exemplo, um boicote à pessoa de Charles Boycott, um administrador de terras irlandês que se recusou a pagar um preço justo aos hectares que comprava. Os episódios que o envolveram originaram o termo 'boicote', de uso popular e frequente. Outro exemplo conhecido refere-se a boicotes ao transporte coletivo realizados como forma de protesto a segregação racial que assolava os Estados Unidos. Excertos dessas manifestações ocorreram em 1955, no Alabama. Mesmo que não se apresentem como fenômenos novos, estas mobilizações seriam diferentes das que se apresentam atualmente. Portilho &Castañeda (2009) insinuam três pontos que as diferem: em primeiro lugar, as manifestações antigas eram pontuais e, geralmente, ligadas a protestos contra a exploração econômica. Atualmente entende-se que a prática do consumo político oriente-se por uma conduta diária e contínua que passe a representar um modo de vida

e não apenas pontos isolados. Em segundo lugar, tem-se a reinvenção política (seus campos, atores e temas) que se manifesta recentemente. Por último aparece a questão da individualidade: as mobilizações atuais, como exposto anteriormente, orientam-se pelo indivíduo que incorpora questões públicas.

Estes movimentos conferem autoridade aos consumidores e

> pode, ainda, contribuir para ampliar as experiências da vida diária ao aumentar o sentimento de pertencimento na sociedade, uma vez que, através de discussões e trocas dentro da sua rede social, os consumidores podem perceber o significado de suas próprias ações em relação aos seus efeitos no meio ambiente e em outros grupos sociais (PORTILHO, 2005, p.9)

Aponta-se o boicote como a negação de consumir determinado produto ou serviço enquanto protesto. Neste sentido, a ação orienta-se por não comprar, a fim de que o fornecedor do produto ou serviço modifique suas práticas – sendo este o alvo do manifesto. Como exemplo tem-se o boicote realizado contra a Nestlé, na década de 1970, quando surgem questionamentos sobre os alimentos infantis industrializados e algumas organizações propõem que as estratégias empresariais com relação à produção sejam modificadas. Durante sete anos o boicote espalhou-se pelo mundo todo e a Nestlé viu suas vendas caírem até render-se e aceitar assinar o código da OMS com a finalidade de adequar sua produção. Como a empresa ainda permaneceu distribuindo amostras grátis de seus produtos nas maternidades, os protestos reiniciaram e, desta vez, com o boicote a outros produtos da marca. O movimento estendeu-se até a década de 1990. Outro boicote conhecido foi realizado contra a Nike. Em 1996 foi lançado o site “Boycott Nike” (Boicote a Nike), incentivando as pessoas a não comprar os produtos da empresa, pois ela não respeitaria seus funcionários, descumprindo os direitos trabalhistas.

Obuycott, ao contrário do boicote, é a preferência por comprar produtos ou utilizar serviços como forma de protesto. Enquadram-se nesta prática a compra por produtos com rótulos e selos que certifiquem o compromisso do produtor com os trabalhadores, meio ambiente e etc. Tem-se, por exemplo, o selo FSC[11] que certifica a madeira utilizada em determinado produto como proveniente de um manejo florestal

11 Link para acesso, com maiores informações: http://br.fsc.org/

ecológico, adequado e socialmente justo. Outro exemplo é o selo Fair Trade[12] que certifica a produção e a relação justa entre produtores dos países em desenvolvimento e consumidores de outros locais, já que seu objetivo é o comércio internacional. É claro, existem diversos outros selos, certificando outras diversas outras empresarias que impulsionam a prática do buycott.

Atualmente, movimentos ligados àdefesa dos direitos dos animais vêm utilizando o boicote e o buycott como uma ferramenta de seus protestos. Páginas no Facebook e no Twitter incentivam as pessoas a comprarem produtos não testados em animais e a boicotarem aqueles que testam. Para tal, compartilham imagens com empresas que testam e não testam e utilizam frequentemente o bordão “Você tem escolha”, ou seja, reivindicam para o consumidor a responsabilidade por consumir ou não produtos testados em animais. Com relação à eficácia do movimento, a moderadora de uma das páginas de boicote a produtos testados em animais, no Facebook, informou em entrevista que o boicote pode fazer com que as empresas mudem suas posturas:

> A [Nome da empresa omitido] é a prova viva disso - após ser boicotada em 2007 aboliu os testes em animais, se as pessoas mudarem os hábitos de compras e justificarem isso conseguiremos cada vez mais empresas que não testam - costumo dizer que é um trabalho de conscientização, este é o meu objetivo aqui, não é criticar empresas, é fazer as pessoas optarem pela escolha certa. A [Nome da empresa omitido] no Brasil não testa mais - graças a ativistas como nós, porém ainda testa lá fora, mas é um começo, consumidores conscientes transformam o mundo.

Campanhas a favor do uso eficiente de bens e serviços orientam-se pelo “bom” uso de água, energia, transportes e etc. Como exemplo disso tem-se a campanha da DECO (Associação Portuguesa para a Defesa do Consumidor)[13] que em 2009 promoveu uma campanha com a intenção de informar a população sobre o uso eficiente de energia elétrica, com a finalidade de estimular comportamentos voltados para práticas sustentáveis. Os movimentos em defesa dos direitos dos consumidores iniciaram na década de 20, nos EUA, questionando a relação desigual entre vendedores e consumidores. Em 1929, foi criada a Consumers Research, instituição

12 Link para acesso com maiores informações: http://www.it2web.com/sites/fairtrade/oquee.asp
13Link para acesso com maiores informações: http://www.deco.proteste.pt/

financiada por consumidores que estavam interessados em informações sobre os produtos oferecidos no mercado. Os resultados de suas pesquisas eram publicados num jornal, anos mais tarde, o movimento ficou conhecido como consumerismo, que busca formar consumidores mais conscientes e responsáveis, capazes de intervir numa sociedade onde grupos industriais e comerciais fazem valer seus interesses.

Os movimentos pró-consumo sustentável orientam-se pela preocupação com o meio-ambiente, promovendo ações por um consumo que não prejudique tanto a natureza. Exemplo disso é o movimento Slowfood, surgido em 1986 na Itália, que procura uma forma alternativa de alimentação, baseada em produtos naturais. O movimento foi uma reação contra as redes de Fast-food, ao desaparecimento das comidas tradicionais e o desinteresse das pessoas em relação à sua saúde alimentar.

Pode-se perceber, com os exemplos apresentados, que estas ações, ditas individuais, abrangem uma esfera coletiva: estes consumidores estão ligados um ao outro em razão do protesto que realizam ou da forma como consomem. Com o advento da internet a troca de informações e a organização para mobilizações são facilitadas. Assim sendo, confirma-se a ação do consumo como capaz de criar laços sociais, identidades, pertencimento e diferenciação. Com os exemplos, pode-se perceber a capacidade do "consumo político revelar um tipo de agente social que se utilizaria da esfera do consumo e de suas práticas como espaço de mediação para a realização de valores e códigos ético-morais" (REDONTAR & BRITO, 2011, p.4). Desta forma, tem-se um consumidor que não é passivo, que não está submisso à estrutura social na qual se insere como propõe Ortner (2007) ao escrever sobre a teoria da prática, e como propõe Latour (2001) ao definir o "actante", aquele que "age, deixa traço, produz efeito no mundo" (FREIRE, 2006, p.55).

5. O consumo político transforma?

Nos estudos sobre o consumo a visão deste enquanto uma organização individualista, que tende a nos desconectar da sociedade e dos problemas coletivos, foi muito comum. "Contudo, muito pouco tem sido feito no sentido de analisar as práticas

de consumo como uma forma de criação de redes de intercâmbio de informação e de aprendizagem do exercício da cidadania" (PORTILHO, 2005, p.10).

Neste artigo optou-se por evidenciar o consumidor enquanto agente ativo capaz de politizar a esfera de atuação privada, considerada, muitas vezes, como excluída de preocupações públicas ou coletivas, "neste contexto, haveria uma tendência de mudança da participação política, da esfera pública para a privada, constituindo-se uma nova cultura" (PORTILHO & CASTÃNEDA, 2009, p.15).

Podemos entender, então, que movimentos como o consumo político é capaz de remodelar as práticas e subjetividades dos indivíduos acabando por influenciar aquilo que Bourdieu definiu como *habitus*. Assim, o consumo não tem única função e ponto de vista por onde possa ser encarado, é "algo que se desdobra e é apropriado de maneiras muito mais variáveis do que se supunha" (ORTNER, 2007, p.34).

Neste sentido, apresenta-se aqui a possibilidade de analisar o consumo não como o grande causador dos problemas atuais, mas como resposta para estes problemas, podendo ser origem de uma nova sociedade do consumo. É possível que o consumo origine uma nova cultura política. Ao contrário do que colocado comumente, "a transformação social não é apenas um rearranjo de instituições, mas implica a transformação da 'cultura', tanto em seu sentido novo-antigo como em seu sentido mais novo" (ORTNER, 2007, p.40), por isso, aponta-se a capacidade do consumo de promover, mesmo que a partir de bases individuais, uma mudança cultural. Por estas razões, que o presente trabalho buscou

> ressaltar os aspectos promissores dos novos espaços emancipatórios, enfatizando a possibilidade de uma recomposição das esferas pública e privada e de constituição de novos espaços de negociação entre a vida individual e a coletiva. Desta forma, é possível ampliar as formas de atuação política e de existir como sujeito político (PORTILHO, 2005, p.10).

6. Referências Bibliográficas:

ABRAMOVAY, R. "Entre Deus e o diabo: mercados e interação humana nas ciências sociais", In: **Tempo social.**V. 16, n. 2.São Paulo, 2004. P. 35 - 64

APPADURAI, A. “Introdução: mercadorias e a política de valor”, In: APPADURAI, A. (org). **A vida social das coisas.** Niterói: EDUFF, 2008.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade do consumo.** Edições 70, 2007.

BECK, U. **World Risk Society.**Cambridge:Polity Press, 1999.

BOURDIEU, P. “Esboço de uma teoria da prática”, In: ORTIZ, R. (org.). **A Sociologia de Pierre Bourdieu.** São Paulo: Olho d’Agua, 2003.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

CHIDID, I. R.; SOUZA LEÃO, A. L. M. De. “Atividades de consumo como recursos da construção de identidade pré-adolescente em interações verbais”, In: **Organizações em Contexto.** Ano 7, n. 13. São Bernardo do Campo, 2011. P. 59 - 83

DOUGLAS, M. **Estilos de pensar.**Barcelona:Gedisa, 1996.

FREIRE, L. De L. “Seguindo Bruno Latour: Notas para uma antropologia simétrica”, In: **Comum.**V. 11, n. 26.2006. P. 46 – 65

KOPYTOFF,I. “A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo”,In: APPADURAI,A.(org).**A vida social das coisas.** Niterói:EDUFF,2008.

LATOUR,B. **A esperança de Pandora:** ensaios sobre a realidade dos estudos científicos.Bauru:EDUSC,2001.

MILLER, Daniel. “Consumo como cultura material”, In: **Horizontes Antropológicos.** V. 13, n. 28. Porto Alegre, 2007. P. 33 – 63

ORTNER, S. “Uma atualização da teoria da prática”, In: GROSSI, M.; ECKERT, C. & FRY, P. (orgs.) **Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas.**Blumenau: Nova Letra/ABA, 2007.

PORTILHO, F; CASTAÑEDA, M. “Consumo e política: neo-modernismo e reflexividade social”, In: **XIV Congresso Brasileiro de Sociologia.** Rio de Janeiro, 2009.

PORTILHO, F. “Consumo sustentável: limites e possibilidades de ambientalização e politização das práticas de consumo”, In: **Cadernos EBAPE. BR.** Edição Temática 2004. Rio de Janeiro, 2005. P. 1 – 12

RAUD, C. “A construção social do mercado em Durkheim e Weber: análise do papel das instituições na sociologia econômica clássica”, In: **Revista Brasileira de ciências sociais.** V. 20, n. 57.São Paulo,2005. P. 127 – 142

REDONTAR, A. M.; BRITO, S. M. “Entre o Ético e o Político: dilemas da experiência de consumo na sociedade contemporânea”, In: **XV Congresso Brasileiro de Sociologia.** Curitiba, 2011.

SÁ, M. G. De. “Reflexividade, cidadania e sub-política: partindo de Ulrich Beck”, In: **Revista Pós-Ciências Sociais.** V. 16, n. 12. São Luís, 2009. P. 243 – 256

SANTANA, A. K. D. “Os limites do ‘comércio justo’”, In: **XIII Congresso Brasileiro de Sociologia.** Recife, 2007.

SLATER, D. **Cultura do consumo & modernidade.** São Paulo: Nobel, 2002.

O uso de atividade de campo como estratégia pedagógica para aulas de Sociologia em escolas rurais: um relato de experiência docente

Roniel Sampaio Silva [14]

1- INTRODUÇÃO

Este relato de experiência tem por objetivo socializar experiência de atividade de campo realizada em novembro de 2012 por alunos do curso 3º ano do curso Técnico em Agropecuária do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – IFRO Campus Ariquemes. Na ocasião, os discentes e docentes participaram de uma aula de campo na reserva ambiental do campus chamada "Batistão". No local foi trabalhada atividade multidisciplinar com professores de Língua Vernácula, Sociologia e Geografia. O objetivo da aula foi contextualizar, de forma multidisciplinar, os alunos junto à obra "Andar a pé", de Henry Thoreau.

O espaço formal da sala de aula muitas vezes gera uma rotina que faz com que alunos e professores se desgastem, ficando processo de ensino aprendizagem comprometido. As aulas parecem "não render" em alguns momentos, mesmo com o planejamento e dedicação de professores.

Uma das principais queixas dos colegas docentes refere-se à falta de interesse pelas aulas por parte dos educandos. Dentre as mais variadas razões que se possa elencar, podemos citar a falta de entendimento entre duas gerações. Há na sala de aula duas realidades que não se relacionam facilmente, a do professor e do aluno. Tal relação fica ainda mais comprometida em função da complexidade de relações que há na instituição.

Comumente o professor, de certa forma, fica impedido de transcender as tarefas meramente burocráticas, o que o faz esquecer, em alguns momentos, da possibilidade e realizar atividades de campo extra-classe. Já em outros contextos a impossibilidade é justificada pela falta de estrutura da escola. As aulas expositivas sem nenhuma

[14]Bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Piauí, Docente do Instituto Federal de Rondônia - Campus Ariquemes.

preocupação com estratégias pedagógicas adequadas pode distanciar cada vez mais o professor do aluno, tornando o vínculo entre o discente e a disciplina meramente formal.

Mediante a esta situação e a partir de conversas com professores mais experientes, fui aconselhado a desenvolver atividade de campo. Porém o campus onde trabalho está localizado um pouco distante da cidade, o que parecia dificultar as práticas extra-classe. O desafio era pensar uma atividade de campo em um cenário de floresta. Foi então que lembrei do texto de um autor americano que, desanimado com sua sociedade refugiou-se na floresta.

2- O PLANEJAMENTO DA ATIVIDADE

No início deste ano uma amiga me indicou o Livro de Henry Thoreau “Andar a pé”. Não dei. Inicialmente, a devida atenção à obra, porém, mesmo sem interesse inicial, me debrucei sobre ela, já que eram poucas páginas.

O livro, basicamente, descreve a experiência do autor em afastar-se de sua sociedade a fim de descobrir novos horizontes bucólicos, apresentando o contato do personagem com a natureza como forma de descobrir-se.

O mesmo autor escrever a obra “A desobediência civil”. Nele o autor trata o princípio pelo qual o sujeito manifesta-se contra um Estado opressor sem precisar combatê-lo militarmente, apenas recusando a apoiá-lo. Nessa obra não-ficcional retratou sua percepção do Estado, colocando a questão da obediência no patamar do Direito Civil (THOREAU apud DRUMMOND, 1984)

A partir da obra “Andar a pé” é possível realizar uma análise sociológica riquíssima e dialogar com os alunos em busca de significados, sobretudo contextualizando-os. Para tanto considerando mais rico trabalhar não apenas elementos sociológicos, haja vista que o livro faz alusão à relação do homem com o espaço, bem como a relação intrapessoal. Nesse sentido, achou-se necessário uma contextualização mais ampla, multidisciplinar, envolvendo não apenas sociologia; mas também Língua Portuguesa, Geografia e outras áreas afins.

Desta forma, foram convidados professores dessas áreas para trabalharmos em equipe e desenvolvemos um planejamento a cerca do escopo a ser seguido. Como

resultado, decidimos basicamente seguir dois eixos na atividade: 1.contextualização da obra; 2.Trabalhar a relação homem-espaço e homem-sociedade. Ambos os aspectos envolviam diretamente a disciplina Língua Portuguesa em seu aspecto discursivo e simbólico.

A metodologia da atividade consistiu em usar o livro como fio condutor para discussões multidisciplinar. Inicialmente trataríamos da ideia geral do livro, do contexto social, econômico e cultural. Em seguida distribuiríamos fragmentos da obra e pediríamos para que destacassem o trecho que mais se identificassem para ler em voz audível. Neste momento, utilizaríamos um programa de gravação para registrar as falas e compilar em um único arquivo de áudio.

3- EXECUÇÃO DA ATIVIDADE

Feito o planejamento prévio com os professores, objetivos e metodologias definidas, partimos para campo. O local escolhido tinha o acesso um pouco difícil, o que fez com que tomássemos a cautela de andar sempre em grupo. O critério para escolha do local se deu em virtude da preservação ambiental e do isolamento que ele proporcionava, assim estaríamos simulando o contexto espacial representado na obra. No deslocamento, os alunos, espontaneamente, citavam os nomes vulgares de algumas espécies da fauna e da flora. Na ocasião levamos um peixe para ser assado no local e para servir como refeição.

Chegando no local começamos a montar um acampamento, logo alguns alunos se mobilizaram a ajudar, dividindo tarefas. Em poucos minutos o peixe estava assando. Terminado os preparativos iniciamos a atividade.

Reunimos o grupo para relembrá-los que estávamos ali para desenvolver uma atividade e não apenas para um mero passeio. Os professores presentes comentaram que o objetivo da aula era promover a leitura do livro ambientado em um contexto semelhante ao cenário literário a fim de promover um debate sobre a abordagem central da obra, especialmente nos aspectos que dizia respeito à Sociologia, à Geografia e à Língua Portuguesa.

Previamente comentamos sobre o livro e fizemos um resumo geral. Dentro da problematização, o foco do trabalho foi à relação do indivíduo com seu espaço, com

sua sociedade e consigo mesmo. No campo da sociologia apresentamos alguns conceitos, tais como: desenvolvimento, Estado, socialização, sociedade e modernidade. Inicialmente partimos da abordagem mais ampla, relembramos o conceito de Estado e em seguida, pedimos para que diferenciassem Estado de sociedade. Em seguida instigamos-lhes a pensar a relação indivíduos sociedade, bem como nas formas de controle usado pelo Estado. A exposição sobre os conceitos apresentados por cada professor acabou se transformando em um diálogo rico. Na tópico relacionado à sociologia, os alunos fizeram intervenção, apontando que os vícios e virtudes que temos são oriundos do "aprender a viver em sociedade", no ensejo o professor usou conceitos de socialização e de representações sociais.

Em seguida, a discussão foi de encontro às temáticas da Geografia, principalmente na relação do homem com seu meio. O advento do capitalismo como grande transformador do espaço geográfico e a instauração do que chamamos "modernidade".

A professora de Língua Portuguesa interagindo com as discussões abordou a influência do contexto social sobre a literatura e vice-versa. Comentou os significados e a obstinação pessoal do autor de encontrar a si próprio, perdendo-se na floresta. Lembrou que assim como o autor, Robinson Crusoé, mesmo isolado da sua sociedade, pensava e fazia alusão direta à ela. Isso fazia com o que o vínculo psicológico se mantivesse constante, de modo que se mantivesse mentalmente sadio.

Na medida em que os temas eram debatidos pelos professores surgiam os chamados "ganchos[15]" para que cada disciplina trabalhasse seu ponto de vista. A primeira a comentar foi a docente de língua portuguesa. Esta fez uma análise literária do livro instigando os alunos a fazerem o mesmo.

Havíamos dado aos educandos acesso ao livro com antecedência e, desta vez, lhes entregamos duas páginas para cada aluno de modo que a divisão ficasse equitativa. Pedimos que cada um fizesse a leitura do conteúdo entregue e em seguida lessem a trecho que mais se identificassem. Gravamos os recortes de cada leitura no programa chamado *audacity*. Compilamos as vozes em um único arquivo de mp3 e

[15]Popularmente chama-se de gancho a oportunidade que se tem de falar de um assunto correlacionado com o tema tratado naquela ocasião.

introduzimos uma trilha sonora. Assim os alunos tiveram, posteriormente, oportunidade de ouvir-se.

Durante a atividade absolutamente todos os alunos se concentraram em fazê-la. Levamos cerca de cinco aulas para organizar e executar tudo. Mesmo com o contratempo da chuva, ainda assim, observou-se que os discentes mantinham-se concentrados e focados na atividade. Neste momento constatamos que a atividade contribuiu pedagogicamente para dimensionar o aproveitamento da atividade por parte dos alunos.

3.1 O DIÁLOGO ENTRE A OBRA "ANDAR A PÉ" E A SOCIOLOGIA: UMA BREVE EXPOSIÇÃO

Há várias maneiras de usar a sociologia para trabalhar a obra "Andar a pé". A o livro foi escolhido para o final do ano letivo justamente por conta desta facilidade em "passear" pelos conteúdos já ministrados, sendo possível utilizá-lo como revisão.

A primeira coisa que abordamos foi o contexto social, político e econômico do autor, o qual escreveu o livro na consolidação do capitalismo, justamente o momento em que surge a sociologia. É possível relacionar a história de vida do autor como um "escapismo" de uma sociedade moderna que surgia cheia de problemas, inclusive, abusos cometidos pelo Estado.

Mas o que é o Estado? É o monstro Leviatã de quem tanto fala Hobbes? Essas foram algumas das indagações feitas aos alunos. Para tanto foi preciso relembrar as contribuições de Durkheim, Marx e Weber referente ao entendimento de Estado. O primeiro entendendo que trata-se de uma instituição social, política e econômica que tem como objetivo garantir a coesão e coerção dos indivíduos dentro de uma jurisdição, evocando sentimentos de pertencimento social a que chamamos de patriotismo. Para Marx trata-se de uma instituição criada e controlada por um grupo dominante para satisfazer interesses de classe e manter sua dominação econômica. Para Weber, o Estado é uma relação de homens dominando homens, respaldados pelo uso da violência legítima. (TOMAZI, 2007)

Algumas outras reflexões foram provocadas, tais como: O Estado é violento? Em caso afirmativo, quais tipos de violência são exercidas? Será que para combater a violência do Estado só existe a ditadura do proletariado pregada por Karl Marx?

Nesse ponto apresentamos a obra em estudo, na qual a desobediência civil vem à tona como uma maneira de questionar a supremacia desse Estado opressor. Tal entidade é instituição criada por homens, mas que nenhum homem ainda não conseguiu destruir, apenas transformar. As ideias do autor ataca internamente a instituição, uma vez que são os cidadãos que reforçam o poder ideológico do estado. Como dito por Weber: o Estado detém a violência legitima, entretanto não é o suficiente para manter-se, sendo preciso que a ideologia legitimadora esteja consolidada. Cada Estado se baseia em uma ideologia a fim de manter seus indivíduos coesos, todavia esta coesão pode apresentar-se de forma abusiva é justamente o que aponta o autor. Temos que abrir mão de todos os nossos direitos?

Abrir mão de alguns direitos para criação do Estado é uma das prerrogativas máximas dos contratualistas. Dentre esses contratualistas podemos citar Rousseu, autor que parece ter inspirado bastante Thoreau. Rousseau é autor do pressuposto: “O homem nasceu bom e a sociedade o corrompe” (ROUSSEAU, 1973). Neste sentido, a floresta e os nativos na visão de Thoreau têm características éticas mais nobres. Essa ideia do “Bom Selvagem” influenciou uma série de romantistas. Neste momento o professor de Língua Portuguesa pode falar mais detalhadamente sobre o assunto.

Ainda nesta mesma perspectiva, foi possível estreitar a Sociologia e Geografia problematizando conceitos de desenvolvimento e civilização. Neste momento o professor desta área falou da relação do homem com o espaço e provocou os alunos a responderem o que é desenvolvido e quem é civilizado. Neste sentido, perguntou quem achava que aquele lugar estava sujo. Alguns responderam que sim. Ele provocou perguntando o porquê. Responderam que estava sujo porque havia varias folhas secas no chão. O professor, então, explicou que o espaço sujo e limpo mostra uma oposição na luta do homem x natureza. Em muitos momentos históricos esta relação foi vista como antagônica e somente com uma série de crises de recursos naturais e de problemas sociais a humanidade começou a se preocupar com essa questão. Para ilustrar melhor sua fala, comentou a expressão “jogar no mato” que estaria referido a

ideia equivocada que temos de que a natureza é um espaço a ser dominando, representando o sujo; enquanto o limpo seria a civilização.

Isto deu ensejo para que falássemos de cultura. Apresentei o conceito de cultura que aprendi na iniciação científica com meu orientador, para quem a cultura seria uma "sutura", ou seja, é ela que costura o indivíduo ao mundo natural e social e dá sentido para o que somos e o que fazemos. Completei a fala do professor de Geografia comentando a ideia do antropólogo Levy-Strauss de "natureza x cultura", para quem o homem tenta negar a natureza, ou ressignificá-la para a partir de então reforçar a cultura (LEVY-STRAUS, 2008). O hábito de cortar as unhas, por exemplo, representaria o homem tentando dominar a natureza para consolidar a cultura. A natureza é representada pelo crescimento orgânico e natural das unhas, enquanto a cultura é representada pelo costume. Quando se estabelece uma relação diferenciada com esta tendência natural, começa-se a dar um sentido estético e cultural, criando proibições e valores, é a partir daí que se sustenta a cultura.

Por fim a professora de Língua Portuguesa problematizou a seguinte questão: com um punhado de pedras e arame fizemos nossa churrasqueira. Foi a partir desta ação que nos veio à indagação: será que compramos o que realmente precisamos? A diferença entre o querer e precisar, distanciada de um contexto de uma sociedade consumista nos fez pensar sobre o ato de usar uma churrasqueira improvisada na floresta e suscitou uma série de discussões sobre a nossa pseudo-dependência do consumo e da tecnologia.

Neste momento finalizamos a aula tratando de questões relacionadas a todas as influencias boas e ruins que a sociedade pode oferecer, revisando o conceito de socialização e indústria cultural.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um das principais vantagens da atividade foi quebrar um pouco da barreira formal que existe entre professor e aluno, criando uma situação informal. O tempo e o espaço da atividade de campo são diferenciados. Isso foi comprovado pelo fato de alguns discentes comentarem que o tempo parecia ter outra lógica no local. A relação

professor-aluno, aluno-aluno, professor-professor fica pode tornar-se menos complexas em função do distanciamento com a instituição. As relações tornam-se mais próximas e afetivas as quais provisoriamente lembram características de comunidade.

Quanto ao diálogo multidisciplinar, o livro mostrou-se rico em detalhes os quais podem ser abordados em diferentes áreas do conhecimento. Além das disciplinas apontadas, poderia complementar a atividade uma abordagem filosófica, história e psicológica, além de outras. O contexto de que trata a obra é de extremo interesse para a Sociologia, visto que tal ciência surge também nesta época, no advento da revolução industrial. Neste sentido, a escolha da obra, do ponto de vista dos objetivos da disciplina, serviu de um bom fio condutor para problematizar uma série de questões de interesse da Sociologia, da Geografia e da língua Portuguesa, dentre as quais podemos destacar o surgimento e consolidação do capitalismo como motor de mudanças e transformações sociais que fazem com que o homem pense na sua própria existência tanto como indivíduo como pessoa[16].

A atividade cumpriu com seu objetivo de transportar o aluno a um cenário onde ele pudesse ser ambientado a refletir sobre as várias questões apontadas pelo texto. Em relação às atividades feitas em sala de aula houve um melhor aproveitamento. Tal melhoria no aproveitamento se deu por dois motivos: i) O tempo de 50 minutos em sala nas aulas de Sociologia torna-se limitado em comparação ao tempo disponível na atividade de campo; ii) A maximização do espaço entorno da área construída da escola.

Quanto às falhas que podem ser cometidas ao trabalhar este tipo de atividade foram percebidas basicamente duas: i) O planejamento poderia ser mais detalhado para que as discussões ficassem mais enfocadas em conceitos e em objetivos mais específicos. Além do livro poderia ter sido disponibilizado um texto com conceitos específicos que iriam ser trabalhados. Poderia ter sido elaborado um roteiro em conjunto com os professores para que a atividade fosse mais direcionada às questões específicas de cada professor. 2- Há dificuldade em fazer atividades multidisciplinar em razão da percepção de cada professor habituada a centrar-se apenas na sua própria

[16]Ambos os conceitos podem parecer equivalentes, porém do ponto de vista da Sociologia indivíduo é a unidade biológica que interage socialmente para que este se integre ao corpo social para assim ser considerado pessoa. (JOHNSON, 1997)

disciplina, neste sentido, o planejamento em equipe com professores de áreas afins poderia agregar maior aproveitamento da atividade.

O resultado mostrou-se satisfatório para os objetivos propostos. Foi possível constatar que as disciplinas se complementam e que trabalhando multidisciplinarmente há um enriquecimento na abordagem dos problemas de estudo. Assim, foi possível trabalhar de maneira sistematizada e com objetivos propostos. Porém o grande desafio está na relação entre sistematização sem uma fragmentação dos conteúdos, bem como pelo excesso de formalismo que a educação pode acarretar.

5. REFERÊNCIAS:

COSTA, Nelson **Nery**. **Teoria e realidade da desobediência civil**. São Paulo: Forense, 2002.

DEFOI, Daniel. **Robinson Crusoé**. São Paulo:L&PM EDITORES, 2005.

HOBBES, Thomas. **Leviatã.** Ed. Martin Claret, São Paulo, 2006.

JOHNSON, ALLAN G. **Dicionário de Sociologia.** Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1997.

LEVY-STRAUS, Claude. **Antropologia Estrutural.** Vol. 1.Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2008

MARSHALL, T.H. (1967) **Cidadania, Classe Social e Status. Rio de Janeiro**. Zahar Editores

MORIN, E. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. Organização Maria da Conceição de Almeida, Edgard de Assis Carvalho. Tradução Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez, 2002.

ROUSSEU, J.J. **Coleção "Os Pensadores**". São Paulo, Abril Cultural,1973.

THOREAU, David Henry. Andar a pé. Rio de Janeiro:Clássicos Jackson, 1958.

_____. **A desobediência civil**. In: DRUMMOND , José Augusto . Desobedecendo : a desobediência civil & outros escritos. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. p.-27-55.

TOMAZI, Nelson Dácio. **Sociologia para o ensino médio**. 1º edição – São Paulo: Editora Atual – 2007.

Closer – perto demais:o amor na pós-modernidade

Lane Reis Santos[17]

Sinopse:

Closer – Perto Demais (Closer, EUA, 2004) dirigido por Mike Nichols, é baseado na peça teatral de Patrick Millere conta a história de quatro pessoas Natalie Portman (Alice) uma *stripper*, Jude Law (Dan), um jornalista e escritor fracassado, Júlia Roberts (Anna), uma fotógrafa bem sucedida e Clive Owen (Larry), um médico igualmente bem sucedido, que se encontram por acaso se relacionam e formam juntos uma espécie de "quadrado amoroso".Se traem, se amam,se odeiam e mentem uns para os outros. Assim, Anna recém divorciada conhece e seduz Dan, mas acaba se casando com Larry. Dan mantém um caso secreto com Anna na medida em que namorava Alice que por sua vez tem um caso de uma única noite com Larry.

O Filme

Apelar para o uso de imagens, fotografias e músicas é uma das estratégias recorrentes entre os indivíduos para expressar pensamentos, opiniões e críticas. No caso das imagens fotográficas em movimento favorece a propagação de ideias a partir da utilização de construções narrativas ficcionais que acaba proporcionando a ilusão de um realismo evidente, tornando-as referências de situações mesmo que não seja real. Isto também afeta as formas de contar história como, por exemplo, o "romance" que com o desenvolvimento da indústria cultural -e o surgimento do cinema - acabou ganhando novos contornos sem que o seu caráter original e idealístico fosse suprimido.

> Uma obra fantástica só é fantástica se convencer (senão é apenas ridícula) e a eficácia do irrealismo no cinema provém do fato de que o irreal aparece como atualizado e apresenta-se aos olhos com a aparência de um acontecimento e

[17]Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Alagoas.

> não como uma ilustração aceitável de algum processo extraordinário que tivesse simplesmente sido inventado. (METZ, 1977, p. 18)

Portanto, Closer mesmo sendo um produto da indústria cultural do filme apresenta um desenrolar de traições, transas e relacionamentos entre os casais que nos leva a lançar uma perspectiva sociológica sobre o filme, para tratar sobre a interioridade e as contradições dos relacionamentos afetivos, nos remetendo às análises de Zigmunt Bauman em Amor Liquido – a fragilidades dos relacionamentos, onde são discutidas os relacionamentos humanos na sociedade pós-moderna, problematizando questões importantes que podem servir para analisar os tipos de relacionamentos que são apresentados no filme

Segundo o autor,as relações afetivas são marcados pelas inconsistências, superficialidade de sentimentos e visam apenas na satisfação do próprio ego. Na visão de Bauman o amor na contemporaneidade como resultado das influências sócio culturais reflete as características do processo econômico-social da modernidade líquida: sem regras, volátil, fluído voltado apenas ao prazer do consumo (uso) imediato, o que acaba gerando sofrimento, angústia e solidão.

> E assim é numa sociedade consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a “experiência amorosa” à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço. (BAUMAN, 2004, p. 22)

Portanto, o egoísmo e as contradições dos relacionamentos humanos em tempos líquidos também podem ser verificados em Closer, quando, por exemplo, Dan termina o relacionamento com Alice e revela sua traição com Anna, mas embora a ame e por isso não quer machucá-la. Ela não entende tal contradição e pergunta porque ele faz isso e ele justifica que será mais feliz coma outra mostrando uma imaturidade egoísta do mesmo modo que Alice ao dizer: “ Ninguém te amará tanto como eu. Porque

amor não é suficiente. Sou eu quem sempre parte. Eu é que deveria deixá-lo. Sou eu quem vai embora."

Ainda, assim, Dan a beija e diz que a ama e a impede de partir, mais uma das contradições descritas por Bauman quando afirma que embora as pessoas tenham o desejo de se manter preso ao relacionamento, mas não sabe como fazer isso. Ou seja,ainda resguarda os objetivos do amor romântico tradicional cujo processo de construção era bem mais longo e demorado, mas o individualismo e o narcisismo contemporâneo não permite que se comprometam tanto assim porque desejam ter outras experiências. Marcado pela frase de Anna a Dan quando fala "Você não sabe o básico do amor porque você não entende compromisso", o que é característica de uma geração cheia de liberdade, mas com pouca capacidade de se comprometer.

Ao problematizar as relações humanas, Closer, nos instiga a ver "de perto" as fraquezas e as contradições dos laços afetivos de nosso tempo, nos fazendo olhar mais atentamente a própria natureza humana, muitas vezes cheia de crueldades, vinganças mesquinhas como a de Larry quando exige que sua esposa Ana (já com um relacionamento com Dan) transe com ele antes de assinar o divórcio como forma de se vingar dele por tê-lo traído com ela. Além disso, instigar a olhar as pessoas "de perto" seria ao mesmo tempo uma crítica ao modo superficial como as pessoas são vistas na pós-modernidade que também é tratada por Bauman ao falar sobre a pouca capacidade do sujeito contemporâneo em perceber e conhecer o "outro" e especialmente quando este " outro" lhe é um estranho de outra cultural e outro espaço.

O filme, portanto, serviria para mostrar as fragilidades, contradições e egoísmo nos relacionamentos da modernidade líquida, demostrando as incompetências e impotências dos humanos diante dos seus sentimentos e desejos. . "Closer" significa "mais perto" e pode servir como uma figura de linguagem para se referir a forma como se deve ver as pessoas e relacionamentos, isto é, para entendê-los é melhor olhar "de perto" e ,claro, você não vai gostar deles depois disso, pois quando se entende de fato as pessoas você as odeia. Mas apesar disso, sua mensagem é simples e evidencia as tendências atuais e os conflitos dos romances modernos que são reflexos das relações

de consumo e de uma sociedade que sobrecarrega os indivíduos com imagens, mensagens, informações e promessas de uma felicidade ilusória.

BIBILIOGRAFIA

BAUMAN, Z**.** Amor líquido**:** sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

METZ, C. A significação no cinema. São Paulo: Perspectiva, 1977.

Closer – Perto demais: Título Original: Closer / EUA-Inglaterra: 2004/ Direção: Mike Nichols /Roteiro: Patrick Marber /Produção: Cary Brokaw, John Calley, Robert Fo x, Mike Nichols e Scott Rudin/ Música: - / Fotografia: Stephen Goldblat

Ética Planetária e Complexidade num olhar sobre o documentário: "Muito Além do Cidadão Kane"

Sydneia de Oliveira Brito[18]

Resumo

O artigo traz a análise sobre os preceitos de Edgard Morin como a Ética Planetária e a Complexidade existentes no documentário realizado pela BBC de Londres no ano de 1993 sobre a Rede Globo de Televisão. O artigo também preconiza que os sujeitos não devem tentar escapar apenas da influência midiática da Rede Globo e sim, unir esforços para uma mudança paradigmática pautada na complexidade, na reflexividade sobre nós mesmos, nossas ideias e atitudes e na responsabilidade planetária.

Palavras-chave: Complexidade; documentário; Rede Globo e mídia.

Antes de adentrar na análise etnográfica (ou ao menos tentar fazê-la), devo deixar claro que se trata de um terceiro "olhar", afinal o documentário já é um "olhar sobre o olhar" da Rede Globo, sobretudo levando em conta que toda descrição, de acordo com Clifford Geertz, já é em si uma interpretação que se volta para uma determinada realidade. Também é uma interpretação baseada no trabalho do antropólogo, preconizado por Cardoso de Oliveira (2000), onde as ferramentas indispensáveis para um pesquisador são, antes de tudo, usar o olhar e ouvir para depois escrever e é esse o objetivo, então, mãos à obra!

[18]Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Ceará – UECE e Especialista em Gestão de Pessoas pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA
E-mail para contato: sydneiabrito@gmail.com

O documentário “Muito Além do Cidadão Kane”, foi produzido pela rede britânica de rádio e TV BBC, em 1993 e aborda a trajetória da Rede Globo, marcada por favoritismos políticos, jogos de poder e financiamentos estrangeiros, tudo para atingir grandes audiências e com isso se transformar na maior rede televisiva do Brasil.

Ressaltando que no Brasil, até a década de 1950, com o país entrando em processo de modernização com o plano de crescimento econômico (“50 anos em 5”) no governo de Juscelino Kubitschek, o meio de comunicação mais utilizado era o rádio. Diariamente, as pessoas se reuniam em praças públicas ou em suas casas para ouvir programas musicais, noticiários, rádio-novelas, entre outras atrações. Ao mesmo tempo, nessa década, surgiram as primeiras emissoras de televisão, fruto de concessões presidenciais para correligionários ou simpatizantes políticos. Mas inicialmente, devido ao hábito da maioria dos brasileiros de ouvir rádio e pelo seu baixo poder aquisitivo, a televisão não obteve a adesão popular.

Portanto, para ganhar audiência, foi necessário transportar as atrações mais famosas do rádio para a televisão, além disso, o governo distribuiu alguns televisores em praças e em estádios e facilitou o financiamento para a compra de aparelhos de TV. E, segundo o citado documentário, todas essas medidas a favor da popularização da televisão, foram resultado de troca de favores entre governo e seus aliados com a intenção de garantir a “integração” das informações e a segurança nacional .

Dentro da contraposição de imagens sob a perspectiva do “luxo e do lixo”, mostrando propagandas luxuosas versus imagens da miséria do país, o documentário se desenvolve, contando que a TV Globo, foi fundada por Roberto Marinho, jornalista e empresário do Grupo Globo, em 26 de abril de 1965, num cenário de ditadura militar e de aceleração econômico-industrial, ao mesmo tempo em que 60% da população se encontrava em situação de extrema pobreza. Além do mais, a ditadura instaurou a censura dos meios de comunicação, o que foi essencial para a manutenção da “ordem” interna no país. Programas, reportagens ou propagandas que desrespeitassem ou criticassem o governo eram tiradas de circulação e seus idealizadores punidos, pois na TV não havia espaço para torturas nem descontentamentos e a ordem era: Carnaval e Futebol para todos!

A TV Globo também teve ainda nesse período, alguns de seus programas censurados, mas conseguiu inovar, tecendo um "real próprio", como se fosse uma espécie de "fábrica" de ideias desprovidas de conflitos. Por exemplo, nos telejornais da Globo, muitas notícias eram veiculadas, os problemas sociais eram mostrados de forma distorcida e sem conflitos e a maior parte da programação era ficcional, sem falar que tudo isso alternava-se com anúncios de produtos voltados para a elite e propagandas do governo. Devido esse fato, muitos especialistas acreditam que a TV Globo serviu como uma espécie de porta-voz do regime militar.

O sucesso da TV Globo deve-se também à sua vocação governista, propiciada por altos financiamentos e cordialidades políticas, em virtude disso, a emissora tinha como "obrigação" silenciar as verdades que ocorriam no país; pois sem isso ela não conseguiria se transformar na 4ª maior emissora de televisão do mundo (como de fato é hoje) ou podia ter o risco de ser fechada, como ocorreu com a TV Excelsior[19], que perdeu sua concessão de funcionamento por se mostrar contrária à ditadura.

Ainda segundo o documentário, na década de 1970, as imagens ganharam um tom hipnótico, graças à chegada das cores na televisão; os programas baseados nos padrões norte-americanos se intensificaram, a programação foi diversificada com atrações humorísticas, jogos esportivos transmitidos ao vivo, jornais com notícias rápidas e sem aprofundamento, além de novelas, as ficções campeãs de audiência, que abordavam temas sociais brasileiros de forma "morna" ou caricatural. Consequentemente, a Globo saiu na frente, conquistando altos índices de audiência, os investimentos em publicidade aumentaram exorbitantemente, trazendo grandes lucros à emissora.

A partir de então, o "Padrão Globo" de programação já se instaurou, auxiliado pelas imagens extremamente estimulantes que deram um colorido a mais nesse "real próprio", fazendo o possível para fragmentar e ocultar o real, oferecendo às pessoas, uma postura consumista e por vezes, até conformista. Tendo isso em vista, Morin (2004) aponta que quando os discursos se fecham em si mesmos, eles se transformam em doutrinas com suas ideias sem espaço para questionamentos, como se fossem

[19]Criada na década de 1960, a TV Excelsior é considerada uma emissora inovadora na história da televisão brasileira enfatizando o jornalismo, as séries e filmes estrangeiros em sua programação.

verdades absolutas, dogmas que são normalizados coercitivamente, resultando num *imprinting* cultural.

O poder imperativo e proibitivo [do] conjunto de paradigmas, das crenças oficiais, das doutrinas reinantes e das verdades estabelecidas determina os estereótipos cognitivos, as ideias recebidas sem exame, as crenças estúpidas não-contestadas, os absurdos triunfantes, a rejeição de evidências em nome da evidência, e faz reinar em toda parte os conformismos cognitivos e intelectuais. (*Ibid.,* p.27).

Indubitavelmente, como mostra o documentário, a intenção da Globo de "mascarar" a realidade dificulta a possibilidade de surgimento de contracorrentes de contestação, que instigam o debate de opiniões e a relativização das próprias ideias como uma maneira de dialogar com elas. Ressaltando que o questionamento ideias é o primeiro passo para denunciar os erros existentes nelas e perceber que elas podem ser revistas para e pela própria humanidade.

As sociedades domesticam os indivíduos por meios de mitos e ideias, que, por sua vez, domesticam as sociedades e os indivíduos, mas os indivíduos poderiam, reciprocamente, domesticar as ideias, ao mesmo tempo em que poderiam controlar a sociedade que os controla. (*Ibid.,* p.29).

Nos anos 1980, a Rede Globo continuou apoiando os governos de situação e suas abordagens continuaram ainda parciais e superficiais. Prova disso é que, enquanto a televisão já noticiava os acontecimentos da realidade brasileira, na Globo, os comentários e reportagens eram apresentados através de coberturas "*soft",* sem profundidade ou apenas com pequenas menções.

O documentário exemplifica com as imagens da transmissão da Greve dos Metalúrgicos do ABC Paulista, em 1979, onde a emissora transmitiu o fato sem som ambiente, para não escutar o protesto dos operários e só mostrou a opinião dos patrões. Outro exemplo foi o movimento pelas eleições presidenciais diretas. No momento em que uma multidão foi às ruas para reivindicar pelo direito ao voto, a TV Globo simplesmente ignorou o fato (de caráter nacional) e apenas noticiou as comemorações dos 430 anos da cidade de São Paulo, que ocorriam no mesmo dia. Enfim, mesmo com o fim do regime militar, a emissora ainda "censurava" determinados

assuntos e com isso garantia ao seu público diversão e informação, isentas de abertura para qualquer descontentamento, buscando passar a noção de bonança num país cheio de desigualdades.

Outro fato ocorrido em 1989, em época de eleições presidenciais e em fase de segundo turno, a Globo realizou um debate entre os candidatos Lula (cogitado como o favorito nas opiniões) e Collor. Tendenciosamente, foi veiculado nos jornais da emissora um resumo do debate que priorizou as falas de Collor enquanto que muitas falas de Lula foram cortadas. Em seguida, divulgou-se uma pesquisa de opinião, feita pela própria emissora, na qual Collor saía bem em todos os quesitos. E de fato assim foi, Collor venceu as eleições, mas seu envolvimento com corrupção denegriu sua imagem e a daqueles que o apoiavam, dentre eles a da Globo.

Após este fato, uma nova atitude foi tomada, a Globo “aderiu” ao descontentamento popular noticiando os escândalos e o movimento Fora Collor, de 1992. Mas antes de ser exonerado do cargo, Collor renuncia o mandato para não perder seus direitos políticos, e mais uma vez, a Globo deturpa os fatos, noticiando que o povo teve êxito em sua reivindicação com o impeachment de Collor. Tem-se aí uma mudança de postura da emissora ao se aproximar mais da realidade, não só nesse caso, mas também abordando em suas novelas, por exemplo, temas sobre conflitos regionais como os sem-terra na novela Rei do Gado, de 1996.

Com certeza, a Rede Globo reinventou o Brasil, criando uma nova forma de expressão cultural no país, gerando uma noosfera de imagens e discursos fazendo com que pessoas dos mais recônditos lugares tenham acesso a uma programação comum a todas as classes sociais. Parafraseando o documentário, em quanto apenas uma pequena parte da população podia pagar pelos produtos apresentados nas propagandas da TV, a “maioria consumia somente as imagens”.

Significa que a noosfera Globo, mostrada pelo documentário, tenta fascinar o público através das imagens, aproveitando o próprio apelo que elas têm; por sua vez, algumas pessoas se identificam com as imagens e nelas projetam seus sonhos e vaidades, achando que comprando um certo produto que foi anunciado num programa ou no intervalo, vai se parecer com uma atriz ou cantora famosa, por exemplo, ou então

para ser socialmente aceito, “entrar na moda”. Enfim, de uma maneira ou de outra, a realidade cogitada pela Globo é a do consumismo.

Considerações Finais:

“Muito Além do Cidadão Kane” mostra que às vezes, ficar em frente à televisão, deixando-se hipnotizar pelos personagens de uma novela, uma propaganda ou pelo prêmio que um indivíduo ganhou num reality show, retarda a nossa capacidade de interação com nós mesmos, com os outros e com o meio em que vivemos, muitas vezes atrasando os nossos desenvolvimentos de auto-organização.

Acredito que esse mundo reificado (havendo a coisificação das pessoas e a personificação dos objetos) no qual vivemos, onde o indivíduo é medido por aquilo que ele consome e pode pagar, a humanidade se distancia cada vez mais de si mesma, alguns resultados disso são: o ostracismo, a falta de diálogo, egoísmos e, principalmente, a intolerância. “Enfim, a morte ganhou espaço em nossas almas. As forças autodestrutivas, latentes em cada um de nós, foram particularmente ativadas, [...], por toda parte onde se multiplica e cresce a solidão e a angústia.” (MORIN, 2001, p. 71).

O século XXI surge trazendo em seu cerne a contradição. Ela pode ser percebida nos mais diversos setores, como na indústria alimentícia, que avançou a tal ponto, com o aprimoramento de suas técnicas de manipulação da natureza, de cultivo e produção, que hoje pode-se dizer que ela é autossuficiente, ao passo que milhares ainda morrem de fome. Outro exemplo é no ramo da tecnologia, que atualmente diminui distâncias, auxilia o trabalho humano, nos alimenta, veste, diverte; mas ainda é altamente poluente e degradante. Esses exemplos são fruto de um paradigma que compreende o mudo de forma disjuntiva, separando o ‘mundo dos sujeitos’ e o ‘mundo dos objetos’ e coloca a razão acima de tudo, esquecendo os outros aspectos da

natureza humana como as emoções e instintos; esquecendo que essa exacerbação da razão leva, segundo Morin (2001, p 81), ao erro e a ilusão.

> Ora este paradigma do Ocidente, de resto filho fecundo da esquizofrênica dicotomia cartesiana e do puritanismo clerical, comanda também o duplo aspecto da práxis ocidental, por um lado antropocêntrica, etnocêntrica, egocêntrica desde que se trate do sujeito [...] por outro e correlativamente manipuladora, gelada 'objectiva' desde que se trate do objeto. Ele está relacionado com a identificação da racionalização com a eficácia, de eficácia com os resultados contabilizáveis; é inseparável de toda uma tendência classificacional, reificadora, etc., tendência corrigida, por vezes com dificuldade, por contratendências aparentemente 'irracionais', 'sentimentais', românticas, poéticas.

A humanidade necessita aprender com as experiências dos séculos passados e entender que, se não mudar essa maneira totalmente desenfreada e inconsequente de agir e pensar no mundo pode cometer um "suicídio em massa", e sabe-se lá se vai sobrar ao menos paus e pedras...

Por isso, concordando com Morin, se faz necessário instaurar uma Ética Planetária com bases na solidariedade e na responsabilidade, acima de qualquer nacionalidade, classe, religião, raça, cor, para que juntos possamos desenvolver a consciência de que compartilhamos o mesmo Planeta, no qual "tudo está tecido junto".

> Poder-se-ia esperar, igualmente, que a necessidade de volta às raízes, que mobiliza hoje fragmentos dispersos da humanidade e provoca a vontade de assumir identidades étnicas ou nacionais, pudesse aprofundar-se e ampliar-se, sem negar-se a si mesmas, nesta volta às raízes, ao seio da identidade humana de cidadãos da Terra Pátria.Pode-se esperar uma política a serviço do ser humano, inseparável da política de civilização, que abriria o caminho para civilizar a Terra como casa e jardim comuns da humanidade. (MORIN, 2004,p.73).

Portanto, tomando de exemplo este documentário, acredito que não devemos tentar escapar apenas da influência da Rede Globo e sim, unir esforços para uma mudança paradigmática pautada na reflexividade sobre nós mesmos, nossas ideias e atitudes e na responsabilidade planetária.

Referências Bibliográficas:

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: **O Trabalho do Antropólogo.** Brasília: Paralelo; São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 3. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

_____. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 9. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2004.

SODRÉ, Muniz. A Consciência e o Olhar. In: **A Máquina de Narciso:** televisão, indivíduo e poder no Brasil. São Paulo: Cortez, 1990.

Muito Além do Cidadão Kane. BBC Londres, 1993. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=049U7TjOjSA .

Entrevista com Nelson Dácio Tomazi[20]

Realizada por Roniel Sampaio Silva[21]

Nelson Dácio Tomazi é pesquisador e autor de bem conhecido no Brasil por sua atuação na área de ensino de Sociologia. Publicou vários livros na área da sociologia, dentre eles um dos livros didáticos de sociologia mais adotados no Ensino Médio brasileiro. Tomazi vem participando de várias discussões relacionadas à temática. A revista Café com sociologia tem a satisfação de entrevistá-lo nesta primeira edição.

CAFÉ COM SOCIOLOGIA: Preliminarmente, gostaria que o senhor falasse um pouco da sua trajetória como pesquisador, professor e autor, assim como um pouco do contexto em que viveu e de como sua trajetória pessoal e social influenciou na escolha da carreira nas ciências sociais.

TOMAZI: Sou de uma geração, a chamada geração 68, que tinha nos livros, na música e no cinema suas principais fontes de formação cultural, além da formação escolar básica. A televisão neste momento era quase inexistente. Além do mais, esta geração, basicamente urbana e que tinha acesso à informação, participou de uma forma ou de outra, no processo de contestação mundial em que a juventude teve um papel significativo. Isso foi muito importante para a minha vida, pois foi assim que

[20]Nelson DácioTomazi possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná (1972), mestrado em História Assis pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1988) e doutorado em História pela Universidade Federal do Paraná (1996). Foi professor de Sociologia, Ciência Política e Metodologia e Técnica de Pesquisa na Universidade Estadual de Londrina e na Universidade Federal do Paraná na graduação e pós-graduação. Atualmente é professor aposentado dedicando-se a escrever e implementar ações que visem a efetiva implantação com qualidade da sociologia no ensino médio. Tem experiência na área de Sociologia, de Metodologia e Técnicas de Pesquisa, atuando principalmente nos seguintes temas: sociologia, ensino de sociologia, ensino médio, ciências sociais e história. Concedeu entrevista a esta revista em novembro de 2012.

[21]Possui bacharelado e licenciatura em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Piauí, atualmente é docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia.

aprendi que devemos apostar e lutar por aquilo que acreditamos. É neste contexto e na luta contra a ditadura no Brasil que resolvi fazer Ciências Sociais

Além disso, a questão educacional, neste período, era uma das que estavam em pauta no contexto das discussões políticas entre os jovens. Entre as várias alternativas, o curso de Ciências Sociais, era o que mais se adequava às minhas aspirações e assim fiz o vestibular junto com outros amigos e no início de 1969 reiniciava meus estudos na Universidade Federal do Paraná. É bom lembrar que este curso era um dos mais concorridos nas principais universidades do país.

Iniciei meu curso de Ciências Sociais em 1969 e terminei em 1972, na UFPR, ou seja, comecei depois da edição do Ato Institucional nº 5 (13-12-1968) que abolia todas as garantias individuais, pois era possível ser preso pela simples vontade de qualquer agente da repressão, pelas razões as mais diversas. Vivíamos sempre em guarda, pois alunos eram presos, às vezes através de denúncias de alguns professores da UFPR. Mesmo assim continuávamos lutando por melhores condições de ensino e contra toda a forma de opressão dentro da universidade.

O curso de Ciências Sociais na UFPR não era um dos melhores, pois seus professores, com poucas e raras exceções, tinham uma formação conservadora e sem uma base teórica significativa. Entretanto isso era contrabalanceado por eventos (palestras, mini-cursos, etc.) que nos traziam novidades e nos abasteciam teoricamente. Foi assim que tivemos contato com professores como Maria Izaura Pereira de Queiroz, Mauricio Tragtenberg, Octavio Ianni, Gabriel Cohn, José de Souza Martins, entre outros. Além disso, estudávamos por conta, em grupo ou pessoalmente, lendo os principais sociólogos de então, além dos clássicos nos poucos livros que tínhamos acesso. Marx e os marxistas eram lidos através de manuais e de alguns poucos livros à disposição, sempre escondidos.

Um fato importante deve ser apontado. Nós estudávamos na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, ou seja, em uma instituição que congregava todos os cursos de licenciaturas na mesma unidade universitária. Assim tínhamos contato com o pessoal da matemática, da biologia, da física, da química, da genética, das letras e das

artes, além da história, filosofia e geografia. Participávamos de palestras e conferências destas outras áreas e assim podíamos compreender como a questão educacional era algo que envolvia todas as ciências e não só as ciências sociais. Não havia esta segmentação tão rígida que se vê hoje em dia. Isso permitiu ter uma formação mais ampla que aquela específica do curso.

CAFÉ COM SOCIOLOGIA: É possível que o senhor tenha vivido a sociologia em três grandes contextos políticos e sociais da História do Brasil: a ditadura militar, o período de redemocratização e o atual período de consolidação da democracia. Como o senhor analisa o ensino de sociologia nestes três contextos a partir da experiência que teve?

TOMAZI: Como disse acima, fiz o meu curso no pior momento da ditadura no Brasil, os chamados “anos de chumbo”, mas apesar disso, era possível ler, por conta própria, todos os clássicos da sociologia, pois pouco ou quase nada, se lia deles na UFPR. Para se ter uma ideia, nós tínhamos uma professora de sociologia que utilizava uma apostila, ou um livrinho que ela mesma havia produzido e que era de péssima qualidade teórica. Não se exigia a leitura direta dos clássicos. Em Sociologia a nossa turma teve somente uma disciplina que nos introduziu na leitura dos clássicos, e foi no último ano, em 1972 com a professora Lia Zanotta Machado, contratada para ministrar parte desta disciplina. Foi o que nos salvou e nos deu direção para seguir adiante.

Em 1975, fui contratado pela UEL – Universidade Estadual de Londrina – e nela permaneci até 2005 quando me aposentei. Até 1985 não era muito fácil ensinar Sociologia e Ciência Política (disciplinas que ministrei neste período), pois havia uma vigilância constante, inclusive através de alunos (ligados aos órgãos da repressão na UEL) em todas as salas de aula, até o fato de alguns professores serem chamados a dar explicações sobre o conteúdo de suas aulas.

A chamada redemocratização é algo para se repensar, pois como dizia Florestan Fernandes, para haver redemocratização é necessário que tenha havido antes a democratização, e neste sentido, a sociedade brasileira nunca viveu uma democracia

de fato, mas apenas institucional de modo precário, com poucos períodos onde foi possível a participação popular sem repressão.

Mesmo assim, após 1985 a situação foi melhorando e houve, pois a vigilância diminuiu e isso possibilitou maior liberdade para trabalhar.

Hoje se pode afirmar que há plena liberdade para se ensinar sociologia em todos os níveis, mas ainda de forma velada, e às vezes até aberta, ainda aparecem autoridades locais ou regionais que tentam censurar este ou aquele professor. São casos isolados, mas existem.

CAFÉ COM SOCIOLOGIA: Durante a implantação da disciplina de sociologia no currículo houve algumas resistências por parte de alguns segmentos da mídia. Uma das principais acusações seria, e tem sido, o fato da disciplina estar sendo usada como espaço de produção de ideologias de grupos de esquerda. O senhor concorda com tais acusações? Em sua opinião, qual o papel do professor de sociologia neste contexto?

TOMAZI: Penso que não devemos nos preocupar com a mídia nacional, principalmente os grandes veículos da imprensa e televisão, pois estão nas mãos de conservadores que não pretendem mudar a situação em que vivemos. Quando pensam em mudar sempre procuram ver como podem lucrar com isso. Quando atacam a sociologia e a filosofia é porque não querem que as pessoas pensem criticamente ou talvez que nem pensem ou reflitam sobre a realidade em que vivem. Responder a estes órgãos da imprensa é dar-lhes crédito. O nosso maior problema é com aqueles que, dentro das universidades, e até em nossos cursos de ciências sociais, não apoiam a presença da sociologia e da filosofia no EM.

O papel do professor de sociologia no EM é fazer com que os alunos possam ter a autonomia para pensar e refletir por própria conta a situação em que vivem. Ou seja, dar-lhes a oportunidade de se livrarem do pensamento mágico e do senso-comum.

CAFÉ COM SOCIOLOGIA: Nos últimos anos o senhor tem se dedicado a percorrer o Brasil proferindo palestras, oficinas e mesas redondas dedicadas ao tema ensino da sociologia. A experiência de contato com outros professores pode revelar um pouco da realidade do ensino de sociologia em vários estados. Como os professores costumam descrever suas experiências enquanto professores de sociologia? O senhor acredita que a disciplina esteja completamente consolidada no currículo? Por que? Quais os avanços e limitações o senhor aponta?

TOMAZI: A situação da sociologia no EM ainda é frágil, pois a maioria dos professores que ministram a disciplina não é graduada em Ciências Sociais/Sociologia. Além disso, ainda são poucos os concursos públicos para professores de Sociologia. Isso cria uma transitoriedade enorme. Este talvez seja o nosso maior problema a resolver para a consolidação da disciplina no EM.

Mas, ao mesmo tempo, a disciplina está se consolidando, pouco a pouco, principalmente com a presença de eventos em todas as regiões do país e com o trabalho de milhares de professores. Com a criação da ABECS – Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais – penso que teremos uma grande oportunidade de integrar todos os professores do EM aos das universidades interessados neste processo.

Mesmo assim, o que percebo, por onde passo, é que os professores de sociologia do EM estão muito animados, principalmente os mais novos, pois vêm a possibilidade de exercerem a sua profissão e também participarem ativamente na formação de milhares de jovens no Brasil. Nossos professores são muito criativos e encontram muitas soluções para incrementar o ensino da sociologia. Deposito a maior esperança neles, pois eles é que sustentam o dia a dia na escola. Nós das universidades podemos dar um grande apoio a eles subsidiando a sua prática.

CAFÉ COM SOCIOLOGIA: Alguns de nós tem acompanhado a criação da ABECS (Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais). O que é a entidade, quais são seus objetivos e qual foi a demanda que motivou sua criação? Discorra

também como anda a mobilização em torno da associação e o que os professores podem fazer para participar.

TOMAZI: A ABECS nasceu da necessidade de uma organização nacional para analisar, discutir e pesquisar especificamente a questão do ensino das Ciências Sociais e ao mesmo tempo congregar professores de todos os níveis para desenvolver este debate. O que motivou a sua criação é a situação marginal que, como disse acima, o ensino da sociologia, principalmente no EM, tem no interior das universidades e nas organizações nacionais das ciências sociais.

A organização da ABECS se dará por Unidades Regionais estaduais (poderá haver mais de uma UR em cada estado da federação) e é a partir delas que se organizarão as demandas e atividades desta nova organização.

Em breve, o site da ABECS estará no ar e assim todos os interessados, professores de todos os níveis, interessados nas questões do ensino das CS poderão inscrever-se como associados, conforme as categorias presentes em seu Estatuto.

CAFÉ COM SOCIOLOGIA: Como já foi mencionado, é comum profissionais de outras áreas lecionarem Sociologia. Atualmente está na eminência de ser transformado em Lei um Projeto de Lei (PL 1446/2011) dá exclusividade à docência de sociologia apenas para os que são formados em Ciências Sociais, Ciência Política e Sociologia.

Entre os profissionais da sociologia há uma polêmica em torno da criação de um Conselho Federal de Sociologia. Em 1997 foi apresentado o Projeto de Lei 3704/1997 que tinha como objetivo criar o Conselho Federal e Conselhos Regionais de Sociologia, o Projeto de Lei foi arquivado e retomado anos mais tarde na forma do PL 120/2001 e reoxigena a discussão em torno deste Conselho. Como o senhor analisa a criação desta entidade e qual o seu posicionamento em relação a sua criação?

TOMAZI: São duas as questões. A primeira eu defendo a exclusividade à docência de Sociologia aos formados em Ciências sociais/Sociologia. É uma questão de competência acadêmica e isso elevará o nível do ensino, principalmente no EM.
A outra questão é a criação do Conselho Federal e Conselhos Regionais de Sociologia. Estes deveriam ser criados quando da criação da profissão do sociólogo (Lei nº 6.888, de 10-12- 1980 e Decreto nº 89.531, de 05-04-1984) no período final da ditadura militar. Entendo que, se há uma profissão regulamentada, esta deve ter seus conselhos para fazer valer a lei e dar garantias a todos os sociólogos no país, incluindo aí a exclusividade da docência de sociologia.
A polêmica pode se estabelecer, porque os graduados em CS também podem ser antropólogos e cientistas políticos e para estes não há respaldo na legislação, por que não são profissões regulamentadas, apesar de existir na prática esta atuação profissional específica.

CAFÉ COM SOCIOLOGIA: O nosso tempo tem sido marcado pela velocidade da informação e pelo avanço da tecnologia. Mediante esse contexto, quais estratégias o professor pode se apropriar para ajudar a construir o pensamento crítico dos alunos?

TOMAZI: Com ou sem tecnologias e velocidade da informação uma das funções do professor é propiciar elementos e saberes para que os alunos possam desenvolver a análise da realidade em que vive de modo fundamentado e se possível crítico.

Hoje, com a presença da internet, os professores têm a possibilidade de acesso a livros (e-books) dos mais diversos autores, além de artigos, monografias, dissertações e teses acadêmicas, para complementar sua formação e se manterem atualizados. Além disso, há excelentes sites e blogs que possuem muito material à disposição além de trocas de experiências. Entretanto é necessário tomar cuidado, pois há também muita coisa ruim e sem fundamentação teórica adequada, mais baseada em palpites, ou na "achologia".

Neste sentido, penso que a maior tarefa dos professores é ensinar seus alunos a discernir e escolher quais informações são importantes e consistentes para a formação

deles para este nível de ensino, pois existe muita coisa ruim na internet. Para que a informação possa se transformar em conhecimento é necessário saber escolher e assim acessar o que é fundamental e confiável, deixando o acessório de lado.

CAFÉ COM SOCIOLOGIA: Qual o diferencial da sociologia em relação às demais disciplinas do currículo e quais estratégias didáticas podem ser usadas particularmente pela disciplina para que esta cumpra os objetivos propostos nos PCN´s?

TOMAZI: Penso que a volta da sociologia e da filosofia ao ensino médio, nacionalmente, trouxe a oportunidade de retomarem o seu papel extremamente importante na formação de nossos jovens, complementando as outras disciplinas. Não há diferencial específico, pois quando falamos em formação, e principalmente hoje em dia, todas as disciplinas e saberes são necessários para uma formação de qualidade. Neste sentido, os professores devem assumir esta tarefa, pois estamos formando pessoas que viverão todo o século XXI que trará muitas transformações sejam elas sociais, econômicas, políticas ou tecnológicas. E nossos alunos deverão ter ferramentas e saberes para poderem analisar estes fenômenos e se posicionarem frente a eles.

É necessário fazer uma retificação quanto à questão. Penso que os PCN´s foram superados pela publicação das OCN´s – Orientações Curriculares Nacionais – em 2006, e estas são as que devem ser levadas em conta pelos professores na formulação dos programas e no desenvolvimento destes em sala de aula. Quanto às estratégias didáticas elas são muitas, desde a leitura de livros e textos, até a utilização de música, charges, clipes, filmes.....e outras que vierem a se criar no cotidiano da escola, levando-se em conta as circunstâncias desta e os recursos que tiver à disposição.

CAFÉ COM SOCIOLOGIA: O perfil de formação do professor de sociologia é bastante variado. No Brasil, além de professores com formação diferente das ciências sociais, há também nos cursos superiores a licenciatura em ciências sociais/sociologia e o bacharelado complementado com mais um ano em

licenciatura. É mais importante para a disciplina que o profissional construa uma identidade em torno de professor ou em torno de sociólogo?

TOMAZI: A estrutura dos cursos de ciências sociais é muito parecida nos últimos 60 ou 70 anos. E a partir da década de 1980, penso que a orientação tem sido mais voltada para a formação de pesquisadores acadêmicos, com poucas e raras exceções, deixando a questão da formação do professor um tanto marginalizada. Só recentemente, com a mobilização pela presença da sociologia no EM é que se retomou a discussão sobre a formação do professor, mas ainda com poucas mudanças no curso de Ciências Sociais.

Neste sentido, e levando em conta, que ainda vivemos sob a égide do C. Lattes, a maioria dos professores dos cursos de C. Sociais não estão preocupados com a formação de professores, de tal modo que a situação persiste, deixando esta apenas aos professores envolvidos na formação de futuros docente para o EM, sempre com poucas e raras exceções.

Assim, defendo que deve haver uma formação específica de professores de Sociologia para o ensino médio, de tal forma que os futuros professores possam ter uma base teórica forte nas disciplinas de Sociologia, Antropologia e Ciência Política e uma melhor formação didática e pedagógica, desde o início de sua formação e não somente na parte final do curso. Assim, um curso de licenciatura, que pretende formar professores de sociologia, não deve ser formatado como cópia do bacharelado com mais disciplinas de cunho pedagógico, mas um curso totalmente novo.

CAFÉ COM SOCIOLOGIA: Mediante os vários problemas no ensino médio brasileiro, o MEC tem se engajado em agrupar as disciplinas por área do conhecimento. Que consequências tal mudança acarretaria para o ensino e, em especial, para o ensino de sociologia?

TOMAZI: Penso que este é mais um dos balões de ensaios onde se procura inventar soluções mágicas para o ensino médio brasileiro. Não é através de medidas como essa que se pode melhorar a formação dos professores. Se um dia esta proposta vingar não

vejo grandes problemas, pois a Sociologia, como está posto nas OCN´s, é talvez a disciplina que melhor tem condições de dialogar com as outras disciplinas da área de humanidades, pois ela já o faz desde o seu nascimento, basta perceber isso em nossos autores clássicos. Com as disciplinas das outras áreas é possível manter o diálogo, pois afinal a realidade em que vivemos só é divisível em termos acadêmicos.